



COMO ME TORNEI IMORTAL

CRÔNICAS DA VIDA LITERÁRIA

Nilto Maciel



Armazém
da Cultura

SUPÕE-SE ENCONTRAR num livro de crônicas um papo afável, solto, tateando o tema eleito e num tom que não pegue o leitor pelo colarinho. Mas em se tratando de Nilto Maciel, quase quatro décadas dedicado às Letras, quando se trata de livros e autores, o assunto é sério – e ele não brinca em serviço.

Aqui temos dezenas de crônicas e cada uma dedicada a um nome das gerações mais recentes e da contemporaneidade da literatura cearense. Nomes de obra já feita e nomes que ainda aspiram ao primeiro reconhecimento têm no autor destas generosas e curiosas páginas um amplo espaço no qual seus perfis, suas idiossincrasias, o significado de sua obra – tudo isso é devassado pela gula do modesto crítico que se diz antes cronista que crítico, como se fazendo crônica (arte essencialmente do relato dos acontecimentos) pudesse escapar de uma aguda análise humana e artística dos criadores de quem busca dar conta.

E como dá! Nilto passa a limpo a trajetória de toda uma cultura, uma região, e de sua multiplicidade de vozes e estilos.



COMO ME TORNEI IMORTAL

CRÔNICAS DA VIDA LITERÁRIA

Nilto Maciel



Armazém
da Cultura

Copyright ©2013 by Nilto Maciel

Editora
Albanisa Lúcia Dummar Pontes

Secretária Administrativa
Telma Regina Beserra de Moura

Projeto gráfico, Capa
Suzana Paz

Editoração eletrônica
Suzana Paz e Rudsonn Duarte

Assessora de Comunicação
Mariana Dummar Pontes

Revisão
Vessillo Monte

(Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema, sem prévio consentimento da editora.)
TEXTO ESTABELECIDO CONFORME O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maciel, Nilto
Como me tornei imortal / Nilto Maciel. --
Fortaleza : Armazém da Cultura, 2013.

ISBN 978-85-63171-37-5

1. Crônicas brasileiras 2. Maciel, Nilto
3. Memórias autobiográficas I. Título.

12-13197

CDD-869.93

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93



Todos os direitos desta edição reservados ao Armazém da Cultura
Rua Jorge da Rocha, 154 – Aldeota
Fortaleza – Ceará – Brasil
CEP: 60150-080
Fone/Fax: (85) 3224.9780
Skype: armazem.da.cultura
Site: www.armazemcultura.com.br
E-mail: armazemdacultura@armazemcultura.com.br

 Este livro utiliza papel que segue as leis ambientais de proteção à natureza.



COMO ME TORNEI IMORTAL

CRÔNICAS DA VIDA LITERÁRIA

Nilto Maciel



*Autonizo
Soares Feitosa
a colocar es-
te livro no
Jornal de*

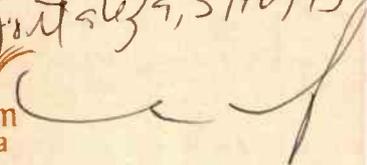
Fortaleza - CE

2013

Poesia

Fortaleza, 5/10/13


Armazém
da Cultura



UM MUNDO LITERÁRIO: O CEARÁ

O ficcionista, ensaísta, jornalista e poeta Nilto Maciel, às vésperas de completar quarenta anos de vida literária, traz, nesse conjunto de 32 crônicas selecionadas, um mundo coabitado entre ele e seus pares cearenses. Sem hesitação, revelados nos mais multifacetados aspectos – escritores que são, seres humanos que também são, flagrados na luta nada vã pela palavra exata e sem disfarces na hora da emoção igualmente procurada para ir muito além de apenas sobreviverem. Estamos, assim, nestas páginas, convidados a imergir num território profundo, fascinante, desmitificador.

Mas à medida que desmitifica, Nilto atinge um efeito contrário: traz à tona homens e mulheres envolvidos em criar verbalmente uma estética que dê conta desse estranho mundo de todos nós, escritores ou não, estranho somente (sublinhe-se) se não o encaramos com a luz potente da literatura. Os que dela partem para dialogar com povo, terra e o constante espetáculo de olhar tudo isso com a atenção do microscopista.

Este é o trabalho a que o escritor se propõe, seu desafio pessoal, indo do particular ao universal porque sabe que, devassando uma alma, ou meia dúzia, flagra, na verdade, o espírito que move os seres no mundo. Nilto já fez isso em seus livros anteriores, basicamente nos romances e novelas, nos contos, e na poesia. E é dessas pessoas dedicadas a tão complexa e fascinante tarefa que Nilto fala. Retrata-as, e as traz até estas páginas convvidas, páginas nas quais personalidades tão díspares quanto decididas a traduzir o real em arte compõem a história mesmo das letras no estado do Ceará.

Aqui desfilam, e mais que desfilam, desvelam-se!, consagrados e novatos. E o cronista faz da presença emblemática de nomes que fatalmente registram e alimentam o imaginário dessa região – como José de Alencar, o mais notável dos que já habitam o cânone – o convívio fascinante de uma espécie de família, com todas as diferenças, ascensões e quedas de um império familiar.

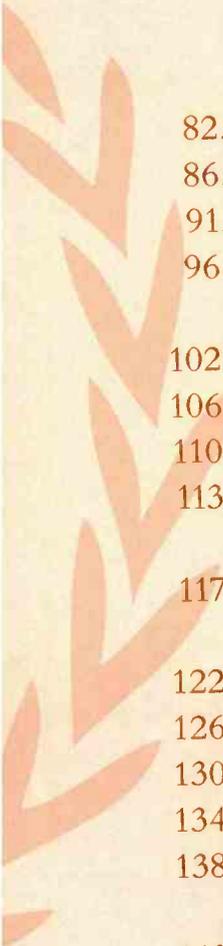
É o Ceará inteiro, década a década, século a século, desde suas primeiras letras até a consagrada arte literária a amalgamar-se com a brasileira como um todo na contemporaneidade. Um livro destinado, desde já, a tornar-se referência obrigatória, material inestimável de pesquisa.

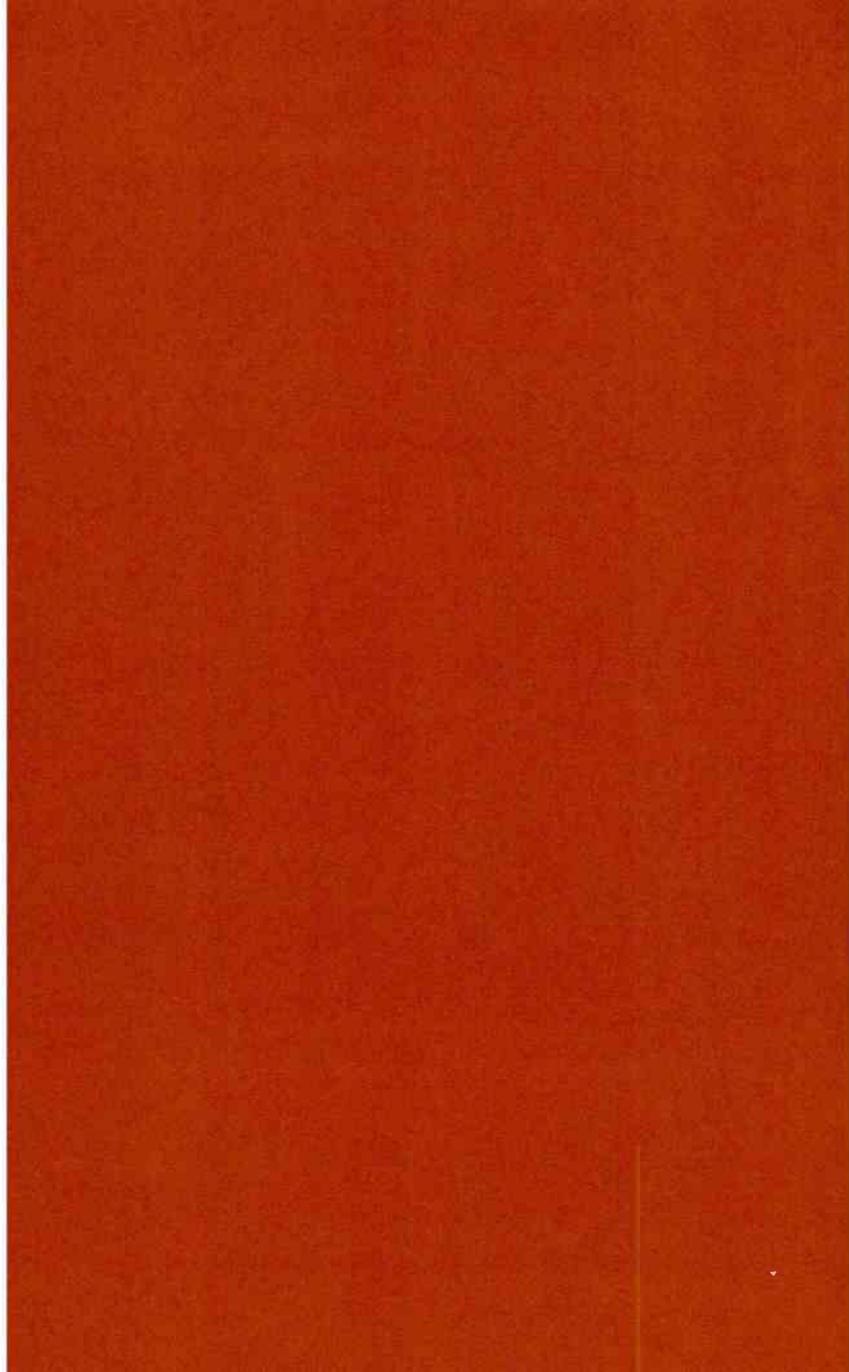
Paulo Bentancur

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

09. COMO ME TORNEI IMORTAL
13. MEUS AMIGOS PELO BRASIL
18. A VELHA GUARDA DA LITERATURA CEARENSE
23. MESTRE MOREIRA CAMPOS
27. FRANCISCO CARVALHO: UTOPIA E EUTOPIA
31. AS GALHOFAS DE JOSÉ ALCIDES PINTO
35. O COPO AZUL DO MENINO CAIO
39. SÂNZIO DE AZEVEDO, SEM DÚVIDAS
43. BATISTA DE LIMA E A ARTE DE SEDUZIR
47. GILMAR DE CARVALHO: SINGULAR E PLURAL
51. CARLOS EMÍLIO E AS ÓRBITAS CELESTES
55. HOMEM NÃO CHORA, NÃO É, AIRTON MONTE?
60. ADRIANO ESPÍNOLA E A BELEZA DAS
ARRAIAS NO CÉU
65. FLORIANO MARTINS ENTRE BOTOCUDOS E
ASTECAS
69. ROTEIROS DE NIRTON VENÂNCIO
73. MÁRCIO CATUNDA AO REDOR DO MUNDO
E DA POESIA
77. CÂNDIDO ROLIM ENTRE A FUGA DA CIDADE
E A ETERNA IDADE

- 
82. DIMAS MACEDO E O DOCE LAR DAS LETRAS
86. PEDRO SALGUEIRO E O CULTO AO LIVRO
91. SOARES FEITOSA: ORACULUM, ORACULI
96. TÉRCIA MONTENEGRO: ANTES E DEPOIS DO
DILÚVIO
102. AS OUSADIAS DE JORGE PIEIRO
106. DIMAS CARVALHO E O REINO DA POESIA
110. CARLOS NÓBREGA: O QUANTO É POETA
113. O CONCERTO INEBRIANTE DO POETA DE
MEIA-TIGELA
117. MANUEL BULÇÃO E O TREMELUZIR DAS
DEUSAS
122. FELIPE BARROSO E A MEMÓRIA
126. RAYMUNDO NETTO E O LAISSEZ-FAIRE
130. CARMÉLIA ARAGÃO E A TRANSPARÊNCIA DOS SERES
134. LUCIANO BONFIM E AS BRUMAS DO ÉTER
138. CLAUDEAR ARCANJO VISTO DE LONGE E DE
PERTO
143. ESSE MATO BAIXO
148. O AUTOR



COMO ME TORNEI IMORTAL

A grande maioria dos seres humanos acredita na imortalidade. Cada um deles se diz constituído de corpo e alma. Aquele morre, se desfaz, vira pó. Esta permanece intacta – a pensar e sentir – e, após a morte de sua metade, voa para o céu, o paraíso, onde está Deus, ou para o inferno ou sabe-se lá para onde. Essa grande maioria é resignada, vive rindo, brincando, feito eternas crianças, por se crer regida por Deus ou o Destino. Mesmo quando choram – diante do corpo sem vida de filhos, pais, irmãos, amigos, ídolos – parecem rir: Deus quis assim, Deus quis agora.

Pequena parcela dos seres humanos ou desacredita na imortalidade ou desconfia de tal possibilidade. Cada um deles assim sofisma: Se não sou imortal, se meu corpo é minha única morada, só me resta inventar outra eternidade. E assim surgiram as agrêmiações de letras e artes.

Para alguns escritores há duas maneiras de se alcançar a duração perpétua: pelo ingresso numa dessas corporações ou com a publicação de suas obras por uma grande editora. Se as duas portas se abrirem, melhor ainda: A vida eterna estará garantida. Para os mais

presumidos só serve a Academia Brasileira de Letras. As instituições menores (estaduais) ficariam para os escritores impúberes ou mais pequenos. As minúsculas (municipais) se reservariam aos escritores insignificantes. Há, porém, ainda outras distinções: a entidade paulista seria quase equipolente à federal; a acreana (ou acriana), a amapaense, a sergipana, por exemplo, equivaleriam a sociedades municipais; a paulistana valeria por uma filial da ABL; a baturiteense não poderia se comparar à santista. Empossados nesta ou naquela academia, todos alcançariam a imortalidade, no final, embora alguns, logo após a morte do corpo, teriam a alma conduzida imediatamente ao céu, enquanto outros dilatariam a interminável fila que conduz ao ponto derradeiro do destino literário.

Publicar livros por grandes editoras é mais fácil do que ingressar numa casa de acadêmicos. Basta o sujeito ser famoso ou amigo (bajulador, dizem) de autoridades federais, de outros entes famosos, ter muito dinheiro, etc. Por editora se entenda empresa que edita livros, vende-os a livrarias, divulga-os para os meios de comunicação de massa e paga direitos autorais.

Lá pelo início de minha adolescência, compreendi que não tenho alma e, portanto, sou mortal. Consciente disso, mais me pus a ler e escrever. E mais cômico fiquei de que não tenho alma e sou mortal. Apesar disso, passei a acreditar em mim mesmo, em poder ser lembrado por mais um tempinho após minha morte, se escrevesse bem. Minhas filhas, meus

netos e seus contemporâneos poderiam se lembrar de mim e ler minhas histórias. Passei mais muitos dias a ler e escrever. Fui morar em Brasília, cidade de muitos imortais, a capital do futuro. Publiquei uns livrinhos por pequenas editoras, ganhei alguns prêmios literários, de pouca monta (nada comparado aos prêmios das loterias) e tinha sido um dos criadores da revista *O Saco* (que me conferia certo prestígio no mundo das letras). Tudo isso junto deve ter atizado a luxúria de alguns imortais da capital, que certamente cochichavam, enquanto cochilavam, frases obscenas, quando me viam: A esse só falta ingressar nas nossas hostes. Pois eis que no meio do caminho desta vida (eu deveria ter uns quarenta anos, supondo que viverei até os oitenta), me apareceu um desses seres eternos. Chamava-se Almeida Fischer, que queria ser mais imortal do que era, pois pertencia à Academia Brasileira de Letras. Não se apresentou em corpo e alma, para não se fazer tão objetivo; mandou um seu colega me fazer comunicado quase letal: Eu fora escolhido para constituir a nova casa federal de letras, a Academia de Letras do Brasil. Tomei susto, mas não morri. Ora, eu não queria vestir fardão. Muito menos farda, que abominava e abomino militares. Bastavam-me calça e camisa. Recuperado do susto, ouvi o complemento da fala do emissário do futuro presidente do sodalício (assim eles, os imortais, gostam de chamar suas agremiações): Viria me visitar noutro dia, para melhores esclarecimentos. E veio. Era um sábado de

muita preguiça (minha), depois de ter passado a noite em bebedeira, a ouvir chorinhos. Alcançou-me de chinelos e calção. Renovou os elogios a mim, explicou os motivos da nova arcádia, como se me fizesse grande louvor e favor. Mal o deixei concluir o discurso. Agradei os gabos e disse duas ou três frases indecorosas: não me sentia acadêmico, sabia-me em fase de crescimento (embora tardio, a *arcádia* denotaria ainda em formação), despreparado para a vida (literária) adulta e não via nenhuma necessidade de novos institutos de letras. Ele parecia não acreditar no que ouvia. Talvez eu estivesse brincando. Ou delirando: Você bebeu muito ontem? Certamente me acometia um surto de loucura. Ora, quem não quer ser imortal, quem não se sente excepcionalmente envaidecido (e comovido) de ser convidado a ingressar no círculo restrito dos olímpianos? Prometi escrever carta a Fischer. Explicaria as razões de minha recusa ao convite. O Hermes brasileiro saiu de minha casa como quem sai de um cinema de horror. Escrevi a carta-bomba e a enviei ao morubixaba. Dias depois eu soube da tragédia: O homem se tinha morrido. Ou tinha deixado de ser vivo. Eu continuei mortal.

Fortaleza, abril de 2010.

MEUS AMIGOS PELO BRASIL

Após a publicação de *Itinerário* (1974), criei o jornal *Intercâmbio*. Havia algum tempo, eu mantinha contatos com diversos “nanicos” (pequenos jornais, mimeografados) de todo o Brasil. Comunicavam-se uns com outros, formando uma cadeia. Cada um divulgava os demais. E, assim, todos os “editores” (jovens escritores) se conheciam: de norte a sul, de leste a oeste. E com eles me correspondia. Não lembro qual deles conheci primeiro. Havia também pequenos jornais impressos em tipografia, conhecidos como “independentes” ou “marginais”. Aqueles publicavam apenas poemas e contos curtos, estes também assumiam posições políticas ou adotavam determinadas diretrizes ideológicas, de oposição à ditadura civil-militar, eram legalizados e vendidos em bancas: *Pasquim*, *Movimento* (nele saiu um conto meu, em 19/4/76), *Opinião*, *Abertura Cultural*, etc.

O *Jornal de Letras*, dos irmãos Elysio, João e José Condé, criado em 1949, no Rio de Janeiro, é um caso à parte. Nele sonhava em me ver publicado. No

entanto, não conhecia os editores e colaboradores, nomes muito importantes para mim. Para me aproximar, passei a mandar notícias do Ceará literário. A primeira delas saiu em maio de 75 e se intitulava “Semana de estudos”. Como não se tratava de matéria assinada, ousei falar também de mim. E eis como se manifestou a cabotinagem mais deslavada: “o contista Fernando Maciel, que estreou com “Itinerário”, de forma auspiciosa, mandou originais de dois livros, também de contos, para editoras do Rio: “A vida íntima de Mozart” e “O último dia de Pompeia”. Quanta tolice! No aposto bajulador (no caso, auto-bajulador) “de forma auspiciosa” e na própria informação (como se fosse notícia ou tivesse importância mandar originais para editoras). Na edição de julho daquele ano, os editores do JL me concederam mais espaço e publicaram as notícias por mim enviadas no mesmo bloco em que aparece Pedro Lyra, com citação de nossos nomes como correspondentes, embora com erro no meu. De qualquer forma, eu me tornara correspondente do mais importante órgão literário do Brasil. Na edição de setembro, o espaço reservado ao Ceará é assinado por Nilto Fernando Maciel e na de dezembro retirei o primeiro nome (não me decidira, ainda, por uma assinatura literária).

Reconhecido como jornalista, em 76 publiquei notícias, artigos e até editoriais no *Unitário*, de Fortaleza. Pelo menos, dois pequenos artigos assinados: “A literatura cearense hoje” e “Os novos tempos da

literatura". E duas reportagens, também assinadas: "Medo do Quinze: a simplicidade em Rachel de Queiroz" (4/7/76) e "Di Cavalcanti: o pintor das mulatas". Divulguei também crônicas, algumas sem assinatura ("Praça do Ferreira"), outras assinadas ("O rádio e os outros", "Comerciária: realidade e sonho" e "O marceneiro"). A seguir, colaborei em periódicos de outras cidades, como *O Popular* e *Folha de Goiaz*, de Goiânia; *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro; *Correio Braziliense*, de Brasília; e *Diário do Comércio*, do Recife.

É desse período minha amizade com diversos novos escritores de todo o Brasil. A maioria deles nunca sequer vi, excetuados os brasilienses (não de nascimento, pois todos vinham de vários estados). São daquele período Glauco Mattoso, Eneas Athanázio, Francisco Miguel de Moura e poucos outros. Com o carioca tornado paulistano Glauco manteve intensa correspondência durante alguns anos, ele com suas folhas mimeografadas, como *Dobrabil*, repletas de poemas e contos satíricos. Admiro nele o seu panbrasileirismo, pois se tornou íntimo do velho Gregório de Matos, sem esquecer Cego Aderaldo e os violeiros nordestinos. O catarinense Eneas é anterior ao *Saco* e posterior ao apocalipse. Imaginava-o um tipo corpulento, adamastoriano. Mas isso não me preocupava. Sobretudo, porque jamais o veria. Não precisaria quebrar o pescoço para olhar em seus olhos. E se o visse? Pois ele costuma andar pelas bandas do norte e do nordeste do Brasil. É um desses

seres que pensam o Brasil como um conjunto harmônico de povos desarmonizados pelas elites políticas e financeiras. E eu o vi em Balneário Camboriú, num dia de chuva. Quando o vi, não acreditei estar diante dele, aquele homenzinho quase miúdo. Pois o piauiense Chico Miguel (não gosta de ser chamado de escritor piauiense, mas brasileiro) é também miudinho. De olhos azuis, branco como uma vela. E alegre como o goiano Salomão Sousa. Conhecemo-nos desde os tempos das revistas *Ciranda e Cirandinha*, *Intercâmbio* e *O Saco*. Entretanto, quiseram os deuses que só nos víssemos em Havana, já em 2000. Bebemos muito, contamos muitas piadas, passeamos de triciclo e carro americano modelo Ford 1950, sem jamais falarmos na Revolução Cubana.

Com os brasilienses mantive boa amizade nos anos em que vivi na capital federal, como Salomão Sousa, Guido Heleno, Emanuel Medeiros Vieira, Adrino Aragão e outros. O primeiro vivia na minha casa, e eu na dele. Jornalista por profissão, devotava-se a ler o melhor da literatura e a escrever poemas. Além disso, se dedicava a rir. Ria quando nos víamos, de alegria. Ria quando conversávamos, mesmo que o assunto fossem as guerras, as misérias humanas, os males do mundo. Rir para ele era (e deve ainda ser) uma forma de dizer: apesar de tudo, estamos vivos. Indicou-me e apresentou-me escritores de quem eu nunca me aproximara, como Robert Musil, eu que só conhecia Hoffmann, os irmãos Grimm, Tho-

mas Mann, Goethe, Hesse e outros poucos alemães. Comprava tudo de bom e emprestava, sem receios. Falava de Goiás sem parar, numa saudade sem fim de sua terra. Íamos com muita frequência a Goiânia, para encontros com escritores locais, como Valdivino Braz, Miguel Jorge, Aidenor Aires, Brasigóis Felício, Alaor Barbosa, Yêda Schmaltz, Antônio José de Moura e Dionísio Pereira Machado, quase todos vindos dos tempos dos jornais nanicos.

O mineiro Guido Heleno é outro amigo daquele tempo. Participava de tudo: discussões, encontros, seminários. Sempre a contar piadas. Outro amigo do riso. O catarinense Emanuel Medeiros eu também conhecia (seus livros) desde Fortaleza. Grandalhão e de voz potente, assustava os mais franzinos e tímidos. Entretanto, sua exaltação não o tornava áspero. Só o vi perder o controle emocional uma vez, quando um amigo nosso o ofendeu com palavras, num bar. Adrino Aragão, amazonense, também se iniciava no palco das publicações, com a mesma euforia dos outros. Depois foi perdendo o ânimo, como acontece com todos.

Fortaleza, março de 2010.

A VELHA GUARDA DA LITERATURA CEARENSE

Desde muito jovem, meti na cabeça duas ideias ousadas: escrever bem e publicar livros. Não consegui realizar a primeira, por mais que tenha tentado. Mas não me aventurei como outros: não li todo o essencial, não estudei gramática e línguas, fui preguiçoso e relapso nessa seara. A segunda ideia se concretizou aos poucos, embora tardiamente. O primeiro livrinho eu o editei aos 29 anos de idade. O segundo o Estado o publicou sete anos depois. Aos 37 anos tive o privilégio de assinar contrato com a editora sulista Mercado Aberto para a edição da novela *A guerra da donzela*, com distribuição nacional. Só então meu nome chegou a alguns jornais e ao conhecimento de críticos e escritores do Ceará (onde nasci), de Brasília (onde morava) e outros rincões.

Desde muito jovem, meteram-se na minha cabeça alguns dos melhores escritores estrangeiros e brasileiros. Primeiramente na escola: Liceu do Ceará, Ginásio Salesiano de Baturité, Colégio Capistrano de Abreu (Fortaleza). Os livros escolares da discipli-

na Português traziam poemas, contos e capítulos de romances dos principais escritores brasileiros e portugueses. E eu, de tanto os ler, cheguei a decorar (sou de péssima memória) alguns trechos, como o soneto “Língua portuguesa”, de Bilac, e o conto “Suave milagre”, de Eça. Do Ceará apareciam, nesses compêndios, somente Juvenal Galeno, com “Cajueiro pequenino”, e Alencar, com fragmento do *Iracema*. Não recordo de outros.

Apesar dessa carência escolar, nos jornais eu lia todos os mais notáveis poetas e prosadores vivos nascidos no Ceará. Alguns vindos do século anterior: Cruz Filho (1884-1974), Júlio Maciel (1888-1967), Otacílio de Azevedo (1896-1978), Herman Lima (1897-1981) e Carlyle Martins (1899-1986). Estes não os vi nunca. O primeiro e o segundo porque só passei a frequentar o mundo real da literatura por volta de 1976, quando surgiu a revista *O Saco*. O pai de Sânzio de Azevedo me parecia inatingível, como se vivesse além do monte Parnaso. O autor de *Tigipió* vivia no Rio de Janeiro. A poesia de Carlyle não me despertava vontade de o conhecer.

A um segundo elenco pertenciam os mais novos que estes cinco, alguns oriundos do Grupo Clã, como Moreira Campos, que em 1960 (provável data em que me iniciei na leitura de suplementos literários) completara 46 anos de vida. Mas também os nascidos um pouco depois, como Francisco Carvalho, que contava apenas 33 anos. Poucos deles, no

entanto, cheguei a ver, ouvir e com eles conversar. Com o contista de *Vidas marginais* mantive alguma correspondência. Encontramo-nos poucas vezes. Na crônica “Mestre Moreira Campos” relato essa amizade. De Braga Montenegro (1907-1979) nunca me aproximei. Mas guardo a única comunicação minha com ele: uma carta. Travei conhecimento também com Antonio Girão Barroso (1914-1990), nos anos 1970, ele ainda ativo no jornalismo. Andava sempre de paletó, muito respeitado pelos mais jovens. Estive com Eduardo Campos (1923-2007) somente depois de meu regresso a Fortaleza, ocorrido em 2002. Mantivemos boas conversações na Ceará Rádio Clube e no Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Ofereceu-me alguns de seus livros. Com José Alcides Pinto (1923-2008) tive diversos encontros. Alguns deles exponho na crônica “As galhofas de José Alcides Pinto”.

Dos vivos (em 2010) daquele tempo restam poucos, como Caio Porfírio Carneiro (1928) e Francisco Carvalho (1927). Rememoro a amizade deles comigo nas crônicas “O copo azul do menino Caio” e “Francisco Carvalho: utopia e eutopia”. Artur Eduardo Benevides (1923) está neste rol. Dele ganhei livros e recebi cartas, quando eu morava em Brasília. Escreveu generoso artigo, publicado em jornais e revistas, a respeito de minha pequena obra: “Dois contistas cearenses”, no qual se refere a mim e a José Hélder de Souza. Conversamos pouco. Moa-

cir C. Lopes (1927) não vi ainda, nem com ele me correspondi. Carlos D'Alge (1930) avistei em raras ocasiões. Talvez tenhamos trocado duas palavrinhas durante lançamento de algum livro. São os vivos da minha adolescência. Os remanescentes daquela geração de homens dedicados à leitura dos clássicos e à realização de obras literárias, sejam elas de maior ou menor valor estético.

Os demais estão mortos e não tive a satisfação de sequer ver ou ouvir uma palavra que fosse: Jáder de Carvalho (1901-1985), Edigar de Alencar (1901-1993), Carlos Cavalcanti ou Caio Cid (1904-1972), Filgueiras Lima (1909-1969), João Jacques (1910), Heitor Marçal (1910), Rachel de Queiroz (1910-2003), Fran Martins (1913-1996), João Clímaco Bezerra (1913-2006), Gerardo Mello Mourão (1917-2007), Otacílio Colares (1918-1988), Aluizio Medeiros (1918-1971), Milton Dias (1919-1983), Durval Aires (1922-1992), Lúcia Fernandes Martins (1926) e outros. Uns porque viviam longe de Fortaleza; outros porque me pareciam inacessíveis, até 1977, quando fui embora do Ceará. Seriam muito grandes para mim. Além do mais, nunca fui de ansiar conhecer pessoalmente escritores. A mim me bastam suas obras.

Quase todos eles publicavam, com frequência, poemas, contos, crônicas, artigos e pequenos ensaios de crítica literária em jornais de Fortaleza, nos anos 60. Certamente, antes desse tempo, já o faziam. Mas

disso eu não sabia. Eu os lia com sofreguidão de leitor adolescente, cioso de conhecimento e novidade. Depois, aos poucos, fui me aproximando de seus livros ou de parte de suas obras, quer em antologias, quer em livros individuais. Nunca deles como pessoas.

Depois deles vieram Geraldo Markan (1929-2001), que conheci ao tempo da revista *O Saco* e do Grupo Siriará, e com quem devo ter trocado algumas palavras, e Juarez Barroso (1934-1976), que não cheguei a conhecer. O único vivo dos nascidos por volta de 1930 é Mário Pontes (1932). Andei me correspondendo com ele no final dos anos 70. Encontramo-nos recentemente em Fortaleza. Lembrou-me o artigo que escrevi a respeito de seu livro *Milagre na salina*. Pareceu insatisfeito comigo. Talvez eu tenha sido maldizente. Penitencio-me por isso. José Hélder de Souza (1931-2004) conheci em Brasília. Frequentávamos bares nos quais se davam encontros semanais dos membros da Associação Nacional de Escritores. Embora mais velhos que eu, estes não pertencem à velha guarda, pois surgiram como escritores quando eu já publicava livros, embora não escrevesse tão bem como eles.

Fortaleza, março de 2010.

MESTRE MOREIRA CAMPOS

Estive com Moreira Campos em duas ocasiões, apenas. Apesar disso, desde antes do primeiro encontro, já nutria por ele grande amizade e, acredito, ele me dedicava o mesmo sentimento.

Não lembro quando o li pela primeira vez. Possivelmente por volta de 1964, quando passei a ler suplementos literários de jornais de Fortaleza. Nesse tempo brilhavam nas letras cearenses os nomes de Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Francisco Carvalho, Fran Martins, Jáder de Carvalho, João Clímaco Bezerra, Milton Dias e outros. O nosso Moreira Campos estreara em livro, com o elogiadíssimo *Vidas marginais*, em 1949. Contava 35 anos de idade. Não tinha nenhuma pressa em se mostrar ao público e à crítica. Escrevia e reescrevia, como outro ilustre contista, o mineiro e *ex-mágico* Murilo Rubião. E ao final de sua longa vida, havia publicado apenas 137 contos.

Até 1964, Moreira Campos havia publicado apenas três livros, porém, já pontificava como um dos melhores contistas cearenses. Na apresentação de *Uma Antologia do Conto Cearense*, de 1965, Braga Montenegro dizia: “Os contistas de maior renome

do atual momento da literatura do Ceará são Eduardo Campos e Moreira Campos.”

Somente em 1978 adquiri e li *Os doze parafusos e Contos escolhidos*. Anos depois, quando já nos correspondíamos, ele me ofertou outra seleção de seus contos, intitulada *Dizem que os Cães Veem Coisas*. É de maneira carinhosa que afirma a sua amizade por mim: “Para Nilto Maciel, mestre do mesmo ofício, com a velha admiração e o abraço fraterno do Moreira Campos. Fortaleza, 6/XII/87.” Pode parecer cabotinismo de minha parte o transcrever essas palavras. Porém, minha intenção é tão-somente falar dessa amizade dele por mim. Pois apenas uma grande amizade faria um mestre tratar assim um aprendiz.

Na verdade, ainda não nos conhecíamos pessoalmente, embora mantivéssemos correspondência havia algum tempo. Em 1982 enviei-lhe carta e exemplar de um de meus livros. É de 12/12/82 a sua primeira carta, que assim começa: “Recebi *A guerra da donzela*, que li numa tarde, entusiasmado com a sua linguagem, e estrutura, suprealista. Já o conhecia de *Tempos de Mula-Preta...*” Não transcrevo a carta toda, porque aqui não quero falar de mim, mas dele.

Noutra missiva, de 11/2/83, ele anuncia uma viagem ao Rio, São Paulo e a Brasília, “onde gostaria muito de encontrar-me com você.” E dias depois ele me visitou. Apresentou-se, embora já conhecesse de fotografias o seu rosto. Falou-me da viagem e de livros. Foram apenas alguns minutos de conversa.

Voltamos às correspondências alguns anos depois. E não sei explicar o motivo desse silêncio tão prolongado. Em 6/3/87 acusou o recebimento do meu *Punhalzinho cravado de ódio*. Comentou-o, elogiou-o. E anunciou a próxima edição do seu *Dizem que os cães veem coisas*. É de 16/7/87 outra carta. Refere-se ao meu *Estaca zero*.

Outro período de silêncio, e somente em 1992 voltou a me escrever. Desta vez para opinar sobre o tema “Ler ou não ler”, para a edição nº 3 da revista *Literatura*. E lá está seu desabafo: “Sou hoje um desiludido com a literatura, embora a minha crença no seu valor perene.” E não poderia ser outro o seu sentimento, pois, sendo um contista maravilhoso, nenhuma grande editora se interessava pela publicação de sua obra.

A segunda vez em que nos vimos foi no dia da morte de meu pai, em 10/1/88. E mais uma vez ficava demonstrada a sua amizade por mim. Não quero me queixar de outros amigos, por não terem comparecido ao velório e sepultamento de meu genitor. Quero tão-somente lembrar o gesto amável de Moreira Campos. E a sua preocupação em me consolar.

Outra grande virtude dele era a modéstia. Pois, apesar de citado e estudado em diversos livros; apesar de traduzido para o alemão, o inglês, o francês, o italiano e o hebraico; apesar de ser um dos melhores contistas brasileiros do século XX; apesar disso tudo, não buscava elogios e tratava os mais novos como

seus companheiros de ofício. Não se julgava mestre e não chamava os mais novos de aprendizes. Como se estivesse ele mesmo em contínuo aprendizado, lendo as novidades, comentando livros novos, sem nunca deixar de lembrar os grandes mentores do conto.

Sua última carta a mim é de 10/3/93. Nela anuncia a publicação de um livro seu de contos pela editora Siciliano. A seguir veio a doença. Amigos me falavam de seu estado de saúde. E das homenagens que a ele se preparavam no Ceará, por ocasião de seu 80º aniversário, como a edição da dissertação acadêmica “Moreira Campos, a Escritura da Ordem e da Desordem”, do professor José Batista de Lima.

Em 7/5/94 José Maria Moreira Campos nos deixou.

FRANCISCO CARVALHO: UTOPIA E EUTOPIA

Tenho lido Francisco Carvalho desde minha adolescência. Primeiro nos suplementos literários – que havia disso no Ceará. Publicavam-se neles, semanalmente, poemas, crônicas, contos, estudos dos bons escritores cearenses de então, quase todos do Grupo Clã.

Mais adiante, já taludo, já escrevendo também, já sonhando com ser poeta do tamanho de Francisco Carvalho ou contista da estatura de Moreira Campos (coitado deste sonhador), conheci o futuro autor de *Exercícios de utopia* (Fortaleza, Expressão Gráfica, 2009). Foi num dia de 1977, reitoria da UFC, onde trabalhava o poeta, época da revista *O Saco*, vésperas de eu arribar do Ceará em busca de melhores dias no sul. O autógrafo constata: 1º de fevereiro. A obra: *Pastoral dos dias maduros*.

*Todo o livro é pura poesia, desde os primeiros versos:
“A qualquer hora o espectro do sono flutuará
na penumbra da sala.
As mãos do morto afagarão a estranha latitude
do seu corpo.” (“A visitação”)*

Até os derradeiros:

*“Chuva, trigo do céu, hulha
na terra espúria do sonho.*

Música da nuvem e leite do seu ubre.

Chuva que te quero rubra.” (“Chuva”)

Apresentou-me o jovem e delirante Carlos Emílio, que frequentava, com desenvoltura, os velhos cultores do delírio em nossa terra, como se fossem seus pares. Além disso, lia Virginia Woolf em inglês, Proust em francês, Thomas Mann em alemão, Cervantes em espanhol. Um prodígio! Eu me contentava – e como ser diferente, se mal sabia ler Alencar em português? – com meus livrinhos ensebados e cheios de traça, comprados à beira das calçadas, no chão, nas ruas do centro de Fortaleza.

Depois, já fugido da seca, exilado no Planalto Central, então a ler traduções Woolf, Proust, Cervantes, Mann, continuei a me entusiasmar com Francisco Carvalho e todos aqueles que durante muito tempo me ensinaram a ler nos suplementos literários.

Visitei o poeta de Russas, do Brasil e do mundo mais de uma ou duas vezes, se me não engano. Mas o li – e leio – sempre. Não digo todo dia, que mentir muito é feio. Agora – as retinas fatigadas pelo sol, pela sujeira dos dias, pela visita dos micro-organismos –, agora me chegou às mãos este pequeno conjunto de poemas intitulado *Exercícios de utopia*. Li-os, entre um

gole e outro de cicuta – mato-me aos poucos, por prescrição médica: um comprimido aqui, uma cápsula ali, uma colher de ácido ao meio-dia, outra às vésperas de delirar na cama.

Tudo é salutar nos livros de Francisco Carvalho. Neste, até a capa de Carlos Alberto Alexandre Dantas é de encher os olhos de bom espanto. A apresentação de Gilberto Mendonça Teles é de mestre. E poeta. Os versos, livres ou metrificados, têm ritmo de sonata. As rimas são sonoras, embora haja das comuns. Mas isso não é o mais relevante em poesia. FC é poeta da chuva e da estiagem, da pedra no meio do caminho e das galáxias em rodopio, dos pobres andrajosos e dos tetrarcas de reinos destruídos, dos pássaros, que são anjos em busca do canto, e dos anjos – pássaros emudecidos.

Tudo é pura poesia em *Exercícios de utopia*, desde os primeiros versos:

*Acredito nos anjos
que não precisam de asas
para voar.
Moram em casebres de taipa
e recolhem mendigos
para a ceia.” (“Exercícios de utopia”)
Até os derradeiros:
“raios do vento
raios do fogo
raios da chuva*

raios de ira de Deus
raios do paráclito
raios que o partam. (poema 175).

O breve estudo de Gilberto Mendonça Teles se encerra assim: “O certo é que se trata de um excelente Exercícios de utopia, melhor dizendo, de Eutopia, de belo e de bom, deixando para o leitor a sensação de que o natural e o transcendente se juntam no sentido plural de toda grande poesia.”

Fortaleza, 17 de agosto de 2009.

AS GALHOFAS DE JOSÉ ALCIDES PINTO

Estive poucas vezes com Alcides Pinto. Antes de 1977, quando morava em Fortaleza, só o conhecia dos livros. E de ouvir falar. Não me aproximava dele, por retraimento. Talvez nem me ouvisse. Ou nem me cumprimentasse. Ora, eu o sabia poeta muito conhecido, desde *Concreto: estrutura visual-gráfica* (1965) e *Cantos de Lúcifer* (1966), sem contar as antologias de que participara no início dos anos 1950. Além de poeta de renome, romancista, contista e autor da peça *Equinócio* (1973). E eu? Apenas um estudante, apenas um sonhador, apenas um quase-escritor. Mas um estudante, um leitor não podia se aproximar de um escritor, pelo menos para lhe pedir autógrafo? Podia e pode. Mas cadê coragem para tanto? Como eu me enganava! Alcides sempre se mostrou muito acessível. Nunca pareceu arrogante. Dava-se bem com jovens e velhos. Com “marginais” e “acadêmicos”.

Não lembro quando o conheci de fato. Tenho alguns livros dele autografados, quando eu morava em Brasília e certamente o procurei, em Fortaleza,

em 1982: *O enigma* (Fortaleza: Edições Quetzalcoalt, 1974), *Cantos de Lúcifer* (Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966), *Manifesto traído* (Fortaleza: Lourenço Filho, 1979) e *As águas novas* (Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1975). Autografados no mesmo dia, possivelmente. Na sua casa. Vieram outros autógrafos, outros encontros, em 1998 e 2002.

Não acompanhei sua trajetória de vida, suas “loucuras” (conheço-as de oitiva), suas excentricidades. Falavam-me dele: é doido; virou franciscano; largou o emprego público para se dedicar à literatura; comprou uma fazenda no sertão do ceará, onde só vicejavam pedras e onde dorme o dragão da mitologia alcideana. Nunca o vi louco, não o vi vestido de frade, não conheci a famosa fazenda “Equinócio”. Vivia como pobre, numa casinha de uma vila localizada na Avenida Tristão Gonçalves (sua última morada): na sala, uma rede e uma estante com seus livros (os dos outros nunca vi. Como os meus. Talvez os tenha doado. E como conseguia fazer citações? Tudo de cor. Por isso, às vezes se confundia). Uma cama no quarto. Na cozinha, um fogão, uma geladeira, uma mesa com cadeiras. E só.

Fora de casa, andava sempre bem-vestido. Quem não se lembra de seu terno branco, com que se apresentava em lançamento de livro, entrega de prêmio, palestra, dele ou de outros? Magro, quase esquelético, flutuava, feito pena branca. Dava gargalhadas estrepitosas, de fazer corar magistrados e madamas, nos salões mais nobres.

O Alcides que conheci vivia em constante alegria, a galhofar com tudo e com todos. Fingia-se doido, sim. Puro gracejo. Certa tarde (não lembro o ano: se antes de meu regresso a Fortaleza, em 2002, se depois), convidou-me Pedro Salgueiro a irmos visitar Alcides. Bateu palmas à porta. Alcides gritou: Já vou. Pela frincha da porta eu vi: ele se vestia, apressadamente. Já vou, já vou. Pedro repetiu as palmas: Trouxe, para vê-lo, um grande contista cearense. O velho poeta abriu a porta, assanhado, nu da cintura para cima, olhou para mim, me abraçou com força e exclamou: Meu grande contista Airton Monte! Ora, Alcides enxergava bem e sua lucidez não confundiria Airton comigo. Aquilo não passava de mais uma brincadeira.

Visitei-o algumas vezes, ora só, ora acompanhado. Não para conversar demoradamente, mas para vê-lo e levar-lhe alguma publicação, sobretudo, a revista *Literatura*, na qual publiquei poemas e artigos dele, assim como uma entrevista que me concedeu em 2003. Recebia-me com alegria, como certamente acolhia outros amigos e conhecidos. Brincalhão como sempre, quando nos víamos, divertia-se muito: Só existem dois escritores bons no Ceará: eu e você. Se eu mencionava o nome de algum conterrâneo, ele sorria: Esse não sabe escrever.

Veza por outra, telefonava para mim ou eu telefonava para ele. Constantemente a brincar: Poeta (tratava assim todo mundo; pelo menos, os escritores),

venha me visitar. Arranjei uma namorada, mas não tenho mais condições de fornicar. Venha me substituir. Eu prometia visitá-lo. E assim o tempo ia passando, até que um dia a outra namorada de todos nós – aquela que aguardamos, mas não queremos –, até que um dia Ela, montada numa motocicleta, o encontrou desprotegido e só, no meio de uma rua, e o levou para as núpcias eternas. Sua última galhofa, em 2 de junho de 2008.

Fortaleza, 5 de outubro de 2009.

O COPO AZUL DO MENINO CAIO

Havia dias não conseguia ler nada, não por mandriice ou fastio das letras, mas por obra de um vírus não-letal, que me deixou quase cego. E cadê tua Maria Kodama? – perguntarão os desconfiados. Para não lhes dar resposta indecorosa, dou um passo adiante.

O primeiro livro lido por mim após o arremetimento do pequeno ser é de meu amigo Caio Porfírio Carneiro. Não um amigo do peito, porque pouco nos vimos, sobretudo, porque moramos em cidades bem distantes uma de outra. Ele sempre em São Paulo (“sempre” é exagero de linguagem), para onde se mudou em 1955. Naquele ano eu não o conhecia ainda, como não conhecia nenhum escritor, a não ser os dos livros célebres, como José de Alencar, Machado de Assis, Alexandre Herculano, todos mortos antes do meu nascimento. Enquanto Caio morava na maior metrópole brasileira, eu sobrevivia em Baturité (até 1961), depois em Fortaleza e Brasília. E nunca o via, embora lesse seus livros. Lia por sabê-lo escritor de alta linhagem, além de ser meu conterrâneo. Vi-o pela vez primeira numa tarde do início do sé-

culo XXI, em Fortaleza, para onde voltei em 2002. Apresentou-mo (ora, eu já o conhecia dos livros, desde os anos 1970) o jovem Pedro Salgueiro, que conhece de perto quase todos os grandes escritores brasileiros nascidos no século XX. Frequenta ou frequentava casas e escritórios – onde toma ou tomava chá, come ou comia biscoito, cochila ou cochilava nos sofás – de nomes eminentes como Dalton Trevisan, José J. Veiga e Rachel de Queiroz. E eu me encantei com Caio, sua prosa nervosa e galopante. Sua simplicidade, sua simpatia. Recebe jovens e velhos sem pedantice, em todo o tempo a brincar.

Toda essa digressão poderá parecer enfadonha ao leitor. É que quero deixar de lado a pretensão de ser crítico literário. Ou escrevinhadeiro de resenhas ou comentários. Serei apenas um cronista que lê (desculpem-me os cronistas se os ofendo, eu que nem consigo escrever crônica) e se serve das leituras para rabiscar frases engatadas a frases.

E aqui começa de fato a crônica da leitura do novo livro de Caio. O título é simpático, embora simples: *O copo azul* (Scortecci, São Paulo, 2009). Pequenos contos, de uma a cinco páginas. De tão curtos, são poucos os narradores ou protagonistas com nomes explícitos. Mas não é por serem concisos que os nomes são omitidos. É porque Caio escreve alegorias, parábolas, como em “O ponto”. Caio escreve metáforas. É um filósofo. Quando há nomes, como Maria Viviane, o nome não é do nar-

rador ou do personagem central. Maria Viviane é apenas uma lápide.

Alguns desses contos se aproximam perigosamente da nova tendência do chamado “realismo urbano” e destoam do conjunto, como “E daí” e “Capuz”. (Outros escritores muito conhecidos têm se perdido nessas ruelas, como Dalton Trevisan.) Outros relatos de Caio se abeiram da brincadeira literária, como “Pois é”, construído à maneira de peça teatral. “A travessia” segue esta linha. O melhor do livro está no pintar a alma dos homens, perdidos em si mesmos. Seres angustiados, desiludidos (ou ainda iludidos) com sonhos, amores, novidades. Homens velhos à procura do passado. Ou de mulheres que somem, desaparecem, se esfumam nas ruas.

E o que dizer da linguagem, sempre esmerada, tratada com requintes de ourives, como se cada frase surgisse após longo alisamento manual, como o fazem os artesãos de pequenas peças em barro? Dedicção de artista, de escultor, de apaixonado pela própria obra. Quem escreve com raiva, ódio, vontade de ferir, maltratar, não alcança a arte. Mas falar disso não cabe aqui, pois muito já foi dito a respeito do que seja arte.

Caio Porfírio Carneiro escreve com arte. Até quando brinca, ele brinca por natureza, quase menino ainda aos 80 anos. Escreve certo por linhas retas, sem parecer jornalista. Sua linguagem

é clara, como se conduzisse o leitor, lado a lado, em conversa franca, por caminhos estreitos ou largos, sob sol forte ou chuva. Ou ao luar. Não quer enganar o leitor, levá-lo a atalhos que vão dar em abismos. Não se embrenha pelos cipoais ou pela caatinga. Não é um regionalista típico. Também não é discípulo cego dos antigos. Caio é Caio. Pra todo tipo de leitor.

Fortaleza, 15 de agosto de 2009.

SÂNZIO DE AZEVEDO, SEM DÚVIDAS

O nome de Sânzio de Azevedo ocupava algum escaninho de minha memória, em 1976 – falavam dele, de sua pessoa, de seus ensaios, de suas pesquisas, de sua poesia, mas eu não o conhecia. Apesar de publicar livros desde os anos 1960. E eu à cata de alfarrábios no chão da cidade. Gente do século passado, mofada, pisoteada, rota. Romancistas e poetas europeus, que eu ansiava ler e, feito traça, devorar. Não me interessavam ensaios e, muito menos, a história da literatura cearense. Para mim bastava Alencar. Os outros eram apenas os demais. Só muito mais tarde me aproximei de Rodolfo Teófilo, Oliveira Paiva, Adolfo Caminha, Pápi Júnior, Domingos Olímpio e outros grandes nomes. Para chegar a Sânzio, precisaria passar por Lívio Barreto, José Albano, Herman Lima, Lopes Filho, Otacílio de Azevedo (o pai de Sânzio), Rachel de Queiroz e o pessoal do Grupo Clã.

Um dia, me chegou às mãos um volume grosso, de 600 páginas, intitulado *Literatura Cearense*. Não sei se por curiosidade, em alguma livraria, embora eu não fosse de frequentar casa de livros, por falta de dinheiro. Talvez sim, posto que não haja autógrafo.

E eu disse comigo: “Oh! Este é o Sânzio de Azevedo de quem tanto falam?” Talvez tenham me dito: “Você está lá. Sinta-se honrado”. E, realmente, na última página, está o nome Nilton (com ene no final), certamente escrito às pressas ou de oitiva. Ora, como ele saberia de mim, se eu não passava de um iniciante? Como escreveu no último capítulo, “Falar, do ponto de vista crítico, sobre a contemporaneidade literária, principalmente no que tange à última geração, é como desejar colher frutos antes da safra.” Pois se sabe que muitas promessas não passam mesmo de promessas. E a informação vai a alguns nomes: (...) “para não falarmos, repetimos, daqueles que surgirão mais tarde para reivindicar seus lugares, não podendo ser ausências os nomes de José Jackson Coelho Sampaio, Carlos Emílio Correia Lima, Nilton Maciel e Airton Monte” (...)

Esse livro, obrigatório na mesa de todos os que se interessam por literatura cearense, não me saiu mais de diante de mim. Depois vieram outros, autografados. E, por último, o contato pessoal, em minhas vindas a Fortaleza.

Sânzio chegou a escrever sobre minha obra. São poucos os escritores surgidos após 1980 no Ceará que mereceram a atenção dele (atenção para estudos, é claro). Sânzio só se dedica aos mortos, como costuma dizer, porque os vivos dão muito trabalho, dor de cabeça e se aborrecem por tudo. Se não me engano, escreveu ensaios sobre a obra de apenas três novos

(então) escritores cearenses. Estão no livro *Novos Ensaios de Literatura Cearense* (Fortaleza: Casa de José de Alencar/Universidade Federal do Ceará, 1992). São eles: “Luciano Maia e a Luz do Poema”; “Os Contos de Nilto Maciel”; e “Angela Gutiérrez e O Mundo de Flora”. Incluo-me nesse rol porque meu primeiro livro, embora de 1974, teve uma edição pequena e não chegou às mãos da crítica. Na verdade, só depois de meu segundo livro, *Tempos de Mula-Preta*, de 1982, passei a existir no mundo literário.

Sânzio é uma enciclopédia. Sabe tudo de literatura cearense, dos primórdios até hoje. Não apenas onde buscar a informação, que isso é fundamental para qualquer profissional. E isto requer muita leitura, pesquisa, estudo. Sabe onde está a informação precisa, em que livro encontrar isso ou aquilo. Mas guarda na memória boa parte dessas informações. Muitas vezes telefono para ele e, cheio de vergonha, faço as mais disparatadas perguntas: “Sânzio, qual o título do soneto de Francisca Júlia onde se encontra o verso ‘Dá-me o hemistíquio d’ouro, a imagem atrativa’”? Ele nem precisa consultar livros, dele ou de outros; tem a resposta na ponta da língua: “O soneto é ‘Musa Impassível’, que abre o livro *Mármore*”. Mas não precisa ser parnasiano o poeta. Nem precisa ser poeta o escritor. Pode-se conversar com ele sobre contistas, novelistas, romancistas, cronistas, sejam eles românticos, simbolistas, realistas, parnasianos, modernistas. Sânzio sabe tudo de literatura. E não

só a cearense, mas a brasileira. Basta lermos *O Parmasianismo na Poesia Brasileira*, monumental obra de pesquisa e análise, com a transcrição de alguns poemas.

É o poeta e pesquisador uma das mais solícitas pessoas que conheço. Como se estivesse em sala de aula sempre. Sem ser professoral. Não, nada de empáfia nele. Até se desculpa ao ser perguntado: “Não sei se poderei ajudá-lo. Aguarde um minuto, por favor”. O minuto não se passa, e lá se ouve a voz amiga: “Está aqui a resposta, meu amigo.” Todos são seus amigos, sejam escritores mais velhos que ele, sejam principiantes, sejam estudantes ou professores. Outros diriam: “Não tenho tempo agora. Procure fulano de tal ou o livro de sicrano”. Ele não é assim. Faz questão de não deixar nenhuma dúvida. Porque não tem dúvidas.

Fortaleza, novembro de 2009.

BATISTA DE LIMA E A ARTE DE SEDUZIR

Meu irmão Edinardo cursava Letras na UFC, desde 1970. Falava-me dos professores e dos colegas. Porque sabia do meu interesse por literatura. Mostrava-me livros, cadernos e trabalhos escolares. Um dia, me apresentou o colega Batista de Lima. “Ah, você também escreve? Já conhece o Clube dos Poetas?” Num sábado, emborquei umas cachacas, tomei o ônibus na Bezerra de Menezes, desci na Praça José de Alencar e, sorrateiramente, me encaminhei para a Casa de Juvenal Galeno, onde se realizavam os encontros dos jovens poetas. E lá estava Batista, risonho, empertigado, bem-vestido, solícito. Fez-me travar conhecimento com Carneiro Portela e outros. Não sei se (ou de quê) me aborreci. Não voltei mais a casa e, durante muito tempo, perdi contato com Batista. Meu irmão fez concurso para a Caixa, foi convocado para assumir o emprego em Salvador e abandonou o curso. Surgiu *O Saco*, Batista reapareceu, perguntou por Edinardo. Pouco tempo depois, em 1979,

meu irmão faleceu em acidente automobilístico. Batista concluiu suas letras, tornou-se professor e, em 1977, publicou o primeiro livro, *Miranças*.

Por esse tempo, mudei-me para Brasília. Minhas amizades, no entanto, se fortaleceram, de longe. Correspondia-me com Batista e outros amigos. Acompanhava-lhes os passos como escritores. Mandava-lhes meus livros, eles me enviavam os seus. Tanto os mais velhos (Moreira Campos, Francisco Carvalho, Alcides Pinto, Artur Eduardo Benevides e outros), como os mais jovens. Diligente sempre, o poeta, vez por outra, publicava uma resenha, um artigo, a respeito de meus livros.

Batista é um cavalheiro do sertão, na sua fala mansa de cariense, no seu jeito de tratar os outros. Elegante no vestir-se, educado no diálogo, apreciador de bom vinho, nem por isso esquece suas origens. Apaixonado pelas coisas do Ceará e, principalmente, pela nossa literatura, leva nossos livros para sala de aula. Quantos e quantos alunos (mas, sobretudo, alunas) tem encaminhado à minha casa, jovens ciosos de conhecer os escritores aqui nascidos. Chegam dessembraçados, sabedores de quase tudo, mas curiosos: “Professor Batista me pediu para ler seu livro tal. Disse tratar-se de obra-prima. Como surgiu esse romance?” Tento corresponder às expectativas do estudante e não decepcionar o amigo.

O poeta de Lavras da Mangabeira, quando tira férias, não vai conhecer a Amazônia, as cidades his-

tóricas de Minas ou a Europa. No poema “Conselho”, ele se explica: “Se queres chegar mais longe / para com tantos andares / o mais longe está aqui / perto dos teus calcanhares”). Sabem para onde ele viaja? Para países muito distantes de nós, reinos fora do mapa, como Taquari (“um sítio perdido / entre saudades e distâncias”) e Sipaúbas, onde vivem os trabalhadores dos engenhos. Sua poesia e seus contos estão repletos de povo: “Conheço este povo / porque carrego seu jeito / esquisito de dobrar esquinas / e desdobrar as dores / como se de fibras fossem”. Batista vai a Lavras para ver e ouvir esse povo e, depois, contar (ou recontar) suas histórias. Vai rever primos, tios, parentes distantes, os viventes da Serra Negra.

Ao contrário de muita gente, não anda por aí a falar mal dos outros escritores. Se não pode falar bem (da literatura), prefere calar. Ou mudar de assunto: “E o novo livro de fulano?” Ele olha para um lado e faz um convite: “Vamos tomar café?” Onde quer que o ouça, seja em palestras (sabe como poucos se comunicar com os ouvintes e os cativa, com seu humor), seja em meros bate-papos em portas de livraria, bares, restaurantes, está sempre de bem com todos. Por isso, para o Mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Ceará escolheu como tema a obra de um escritor nascido no Ceará, cuja dissertação resultou no livro *A ordem e a desordem na escritura de Moreira Campos*.

E das mulheres o que ele diz? Ao contrário de muitos machistas ditos marxistas, só lhes tem elogios. Não vê nelas demônios, como muitos de nossos pie-

dosos cristãos. São todas lindas, inteligentes, sensíveis. São todas Florbela, Rachel, Clarice, Ana Miranda, Tércia. De igual modo, ama as mulheres comuns, as sertanejas. Estão todas elas em seus poemas e contos.

Batista é um sedutor de mulheres e homens. Não há quem dele desgoste. Se há quem não se encha de admiração por sua literatura, essa pessoa certamente o admira como ser. Batista é um enamorado das palavras, de versos e prosas. É um encantador de plateias também. Quase mágico. Certa tarde, em Sobral, num auditório da Universidade do Vale do Acaraú (UVA), estivemos no mesmo palco. Falei, aos tropeços (lendo, porque não sei falar de improviso), por alguns minutos, sobre nossos narradores mais antigos: Oliveira Paiva, Adolfo Caminha... Os cinquenta ouvintes do início da palestra se reduziram a vinte, quando alcancei o Grupo Clã. E eu ainda pretendia falar da revista *O Saco*, do grupo Siriará, dos contistas novos. Olhei para a plateia. Restavam dez estudantes sonolentos. Então Batista veio em meu socorro. Sem precisar de microfone, sem uma folha de papel, de pé (eu me achava sentado, desde o início, porque as pernas tremiam), pôs-se a falar do Cariri, do povo sertanejo, de suas miranças. E logo o recinto se foi enchendo de estudantes, professores e funcionários. Passados cinco minutos, não havia mais cadeira vazia. E os aplausos ressoavam fortes, vibrantes. Pediu uma salva de palmas para mim.

Fortaleza, 1º de setembro de 2009.

GILMAR DE CARVALHO: SINGULAR E PLURAL

Dos protagonistas que constituem a geração literária surgida por volta de 1970 no Ceará é Gilmar de Carvalho um dos mais singulares. Não participa de grupos. Não está à frente de movimentos. Não promove encontros, reuniões, com vistas a levantar a poeira. Não corre atrás de figurões da intelectualidade, a pedir votos, apoio, indicações. Não imita este ou aquele escritor da moda, como não imita os antigos. Por tudo isso, dizem-no avesso a greis, clãs e famílias literárias. Ovelha negra. Pastores de todos os credos o veem passar e apenas cofiam a barba. Porque Gilmar nem escuta a zoadá da mutuca. Prefere a pesquisa à pescaria de peixes ornamentais. Contraditoriamente, é um erudito voltado para a cultura popular. Além disso, é compositor de cantos e não mero contista, contador de histórias, embora ame os contadores de histórias do sertão e das periferias de Fortaleza, cantadores, cordelistas, violeiros, Patativa do Assaré.

Perguntam-me: “Você se dá bem com Gilmar? Parece tão difícil, tão arredio.” De difícil acesso, que-

rem dizer. Poucos contatos mantive com ele; conversamos apenas o necessário. Faltaram oportunidades. Primeiro porque somos de pouca conversa. Segundo porque me mantive longe do Ceará por muitos anos. No entanto, muito me falaram dele: genial, talentoso, arrogante, besta, orgulhoso... Os melhores e os piores adjetivos acompanham sua biografia. Ou seu perfil. Traços tortos em mesas de bar, dos maledicentes, dos invejosos, dos que nada fazem ou escrevem.

A primeira composição dele a me chegar aos olhos (antes de publicada, antes de incluída em livro) terá sido “*Pluralia tantum*”. Duas folhas de papel. Li-a com estranheza (admiração e susto). Que diabo seria aquilo? Todos os plurais clássicos. Apenas isto. Mas me agradaram. Pela novidade, pela pesquisa, pela singularidade, pela ousadia. Nada de enredo, começo, meio e fim, protagonista, foco narrativo. Nada de usual da forma do conto. Muitos anos depois, conheci o livro *Pluralia Tantum*. E senti novo impacto. Mais forte, porque não mais um “texto” curto diferente de tudo, mas diversos “cantos” (não contos, não narrativas, não histórias como as que eu costumava ler) em linguagem renovada. E não só isso: a *Bíblia*, a mitologia grega, as lendas indígenas e da cultura negra brasileira, o candomblé, os orixás, as danças, a cultura de massa.

Com *Pluralia tantum*, Gilmar se tornaria conhecido no microuniverso dos intelectuais (usava-se muito este termo) cearenses. Conhecido e admirado. Mais

adiante, encontrei-o, por acaso, na Praça do Ferreira. Mostrou-me as provas de novo livro. Demonstrava euforia (nem tanto, porque não é dado a euforias), porque sabia da importância de sua obra. Pois, para espanto de todos, logo viria a lume o mais singular romance da segunda metade do século XX brasileiro: *Parabélum*.

Gilmar se sabe homem de difícil trato. Reconhece: “Não devo ser dos mais fáceis. Faço análise, com interrupções, há 40 anos”. Vontade de mudar, de ser diferente do que é? “Talvez tenha pouca paciência com pessoas que tenham projetos diferentes dos meus. Não compreendo como o projeto de um escritor seja fazer parte de uma instituição anacrônica (como as academias de letras) fundada no século XIX. Não tenho paciência para Clube do Bode”. É verdade, as rodinhas literárias de Fortaleza estão repletas de pequenos escritores cujos sonhos maiores não são escrever obras fundamentais ou, pelo menos, de algum valor literário, mas ingressar na Academia Cearense de Letras. Ou aparecer nas páginas (colunas sociais) dos jornais da província.

Comigo o trato tem sido fácil. Conversamos como civilizados: índios do Cariri e da serra de Baturité, negros, cafuzos, curibocas. Mas como podem julgá-lo de “difícil trato”, se não fala de ninguém, se não faz crítica literária? “Não tenho tempo para falar mal dos outros. O meu tempo é voltado para a pesquisa e a produção. Inclusive, finais de semana”.

Por isso, suas opiniões a respeito da literatura cearense não se tornam públicas. Prefere silenciar, embora tenha lá os seus ídolos. Gosta de Moreira Campos, Juarez Barroso e Gerardo Mello Mourão. E não esconde essa predileção. Mas quem não gosta deles? “Dos vivos, gosto muito de Marly Vasconcelos. Mas é difícil falar dos vivos”, confessou-me.

Dia desses fiz-lhe um pedido. Teria como me presentear o *Parabélum* e o *Pluralia tantum*? Não os encontramos mais nas livrarias e ambos me foram surrupiados de casa, por algum visitante inescrupuloso?

Gosto de ler Gilmar de Carvalho. Mas também de ouvir sua fala inteligente, plural. Gostaria de vê-lo mais. Entretanto, eu o tenho visto muito mais na televisão, a falar de cultura popular, em debates e homenagens, do que pessoalmente.

Fortaleza, janeiro de 2010.

CARLOS EMÍLIO E AS ÓRBITAS CELESTES

Havia mais de dez anos eu tentava escrever contos. Não sabia a quem mostrá-los. Meus irmãos Ailton e Edinaldo – bons leitores – não faziam restrições a meus escritos. Coisa de irmãos. Eu fazia. Ensaiei outras peças. Parecia-me muito difícil aquela tarefa. Depois de centenas de tentativas, selecionei os melhores. Apenas quatorze. O restante virou lixo. Pronto o livro, *Itinerário*, onde apresentá-lo ao público? Nas livrarias – aconselharam-me. Não, os livreiros não aceitariam expor um livrinho pobre, quarenta páginas, de autor desconhecido. Conversei com o dono de um bar, no térreo do edifício onde eu trabalhava, nas proximidades do riacho Pajeú. O que é lançamento? Não sei também, mas quero lançar meu livro no seu bar. Garanto boa despesa, cerveja e tira-gosto. E assim se deu, num sábado, meio-dia, de 1974.

No fim da festa, todos bêbados, diversos exemplares vendidos, apareceu-me uma figura estranha, cabeluda, roupas frouxas, livro debaixo do braço. Quem é? Uma escritora inglesa. Deixe-me ver: *Mrs.*

Dalloway. Folhei o volume. Em inglês? Sim; você não lê inglês? Não respondi, encabulado. Nunca leu Virginia Woolf? Mudei de assunto. E assim conheci o jovem Carlos Emílio.

A partir daquele dia, iniciou-se nossa amizade. Ele me mostrava (ou lia) seus contos enormes, pedia opinião (não aceitava ser contrariado; só admitia elogios). Andava, para cima e para baixo, com seus manuscritos, seus contos mais novos, que lia com eloquência, onde quer que encontrasse um amigo ou um ouvinte: no saguão do cinema, no ponto de ônibus, num bar, numa esquina. Esses maus entendedores fugiam dele, mal o viam. Meia palavra do menino representava uma eternidade. Alguns desistiam do filme, outros pegavam ônibus errado, espavoridos. Diversos bares de Fortaleza se fecharam, aos poucos. Pois, se neles se sentava o futuro escritor, logo se esvaziavam. Eu não fugia dele, porque, embora obrigado a ouvir suas leituras demoradas, terminava ganhando um bom livro. Assim conheci Faulkner, Joyce, Proust e tantos outros.

Ele não lia apenas os próprios escritos. Lia também seus autores favoritos. Abria um enebado *The Sound and the Fury* e se punha a ler: *In the midst of the voices and the hands Ben sat, rapt in his sweet blue gaze. Dilsey sat bolt upright beside, crying rigidly and quietly in the annealment and the blood of the remembered Lamb*. E parecia saber de cor uns e outros. Pois muitas vezes baixava a mão com a papelada ou o livro e continuava a falar. Olhos nos olhos, os lábios quase a tocar a

face do ouvinte, como se quisesse se unir ao outro, penetrá-lo, possuí-lo. E respingava de saliva o rosto à sua frente, com seu hálito bom de criança sadia.

Percebida, logo no primeiro dia, minha indigência intelectual, não passava dia sem me emprestar ou presentear livros. Conhecia todo mundo: escritores jovens e velhos, jornalistas, artistas plásticos, músicos, compositores, atores. Apresentou-me todos os grandes nomes da literatura brasileira e estrangeira. Andava sempre com uma novidade debaixo do braço: em inglês, francês, italiano, espanhol. Falava-me de escritores europeus, ibero-americanos e brasileiros que eu não conhecia nem por nome. Você precisa ler D. H. Lawrence. Sim. Cortázar. Claro. Lúcio Cardoso. Perfeitamente. E ele nos apresentava e eu os lia. E conversávamos. Precisamos sacudir a literatura do Ceará. Como? Uma revista literária.

Carlos Emílio é o verdadeiro criador de *O Saco*. Organizou as primeiras reuniões de escritores, em 1975, com o objetivo de se fazer algo novo no Ceará. Escreveu e publicou em jornal a “chamada geral”, convite público a todos os que se dedicavam às artes. Marcou encontros em sua casa (de seus pais). Deu as diretrizes da publicação, embora eu me opusesse a quase todas elas. Convenceu Raposo e Jackson a participarem do empreendimento. Viajou por todo o Brasil à cata de reportagens, entrevistas, colaborações.

É um romântico, embora saiba tudo o que acontece aqui, ali, nos confins do mundo de ontem, hoje

e amanhã. Muita gente não o leva a sério, por não ser um cidadão comum, não ser casado com mulher, não ter filhos, não frequentar igrejas e estádios, não cortar cabelo em cabeleireiro, não andar bem vestido. Às vezes parece mendigo; outras vezes, louco. Não cumpre horários e compromissos. Pode almoçar à meia-noite, tomar café da manhã no meio da tarde. Comparece às reuniões após seu encerramento. Telefona a amigos, de madrugada, para ler contos quilométricos. E acha tudo normal. Tão romântico é que dois de seus sonhos mais parecem alucinações: a volta dos suplementos literários em todos os grandes jornais brasileiros e a contratação de escritores para cargos públicos. Os periódicos fariam a publicação semanal (ou diária) de contos, poemas, romances. Para ele, os donos dos jornais só têm a ganhar com isso. Digo-lhe que literatura não interessa a esses empresários, leitores de jornais não querem saber de literatura, etc. Ele olha para mim, perplexo, horrorizado, como se eu fosse um inimigo. No outro sonho, os governos deveriam dar aos escritores emprego público. Com bons salários, para que os escritores não precisassem mendigar empregos em empresas privadas. Nada de assinar ponto, nada de chefe. Só uma mesa, o tempo inteiro para ler e escrever. Digo-lhe que isto é imoral, ilegal e impossível. Ele fala dos mecenas. E me chama de realista. Em duplo sentido: amigo do rei e ...

Fortaleza, setembro de 2009.

HOMEM NÃO CHORA, NÃO É, AIRTON MONTE?

Um dia eu conheceria Airton Monte. Num bar, numa livraria, num encontro de escritores, numa calçada, apresentado por amigo. Estava escrito. Porque escrevíamos e morávamos na mesma cidade, não tão grande ainda. No entanto, meu ingresso na Universidade (1970) propiciou, mais rapidamente, esse conhecimento, pois na Faculdade de Direito conheci alguns escritores (incipiantes, como eu) que falavam muito bem de um estudante de Medicina – certo Airton Monte. Tinha ele pouco mais de 20 anos e pertencia ao Clube dos Poetas Cearenses, do qual fora um dos fundadores. Grupo de jovens que escreviam versos. Reuniam-se, com frequência, na Casa de Juvenal Galeno, sob a liderança de Carneiro Portela. Liam seus poemas, elogiavam-se, faziam planos, publicavam coletâneas. Com o tempo, desapareceu e, com ele, quase todos os seus poetas. Poucos deles persistiram, como Airton Maranhão, Barros Pinho, Batista de Lima, Iranildo Sampaio, Márcio Catunda, Ricardo Guilherme.

Aqueles admiradores de Airton Monte também sumiram na poeira dos anos. Nem sei por onde andam. Sei-lhes os nomes e lembro muito bem suas fisionomias. De dois deles, pelo menos: Gerim Cavalcante e Resal (Renato Saldanha), também do Clube. Eles me afirmavam: Airton tem contos maravilhosos. E perguntavam, espantados, se eu não os conhecia.

Vieram as cervejas, os amores, as decepções, as leituras, as vaidades, os sonhos. Veio a revista *O Saco*. Vivíamos em constante reboiço, em eterna pândega. Raposo, o chefe da revista, convidava-nos a ir quase diariamente ao seu escritório. E lá íamos eu, Airton, Jackson Sampaio, Carlos Emílio, Mapurunga e outros ouvir os sonhos mirabolantes do velho (ainda seminovo) Raposo. Entre um cafezinho e um cigarro, vinha o convite irrecusável: à noite, umas cervejas no bar tal ou no cabaré qual. Raposo ligava o Maverick azul e saíamos no rumo da perdição. Frequentávamos os melhores (mais caros) cabarés da cidade. Bebíamos o melhor uísque, comíamos a melhor carne.

Li os primeiros contos de Airton, antes de publicados nos volumes *O grande pânico* e *Homem não chora*. Contos de mestre. Senti-me reduzido à estatura de anão ou aprendiz. E o era mesmo. Em razão disso, fiz-lhe um pedido: lesse meus continhos, desse opinião, fizesse sugestões. Dias depois, ele me devolveu a papelada. Junto dela, uma carta (27/12/76). Fez alguns elogios, mas também me puxou as ore-

lhas: “Parábola maravilhosa”; “O conto me pareceu caótico demais, sem *timing*, de difícil entendimento para o leitor comum”; “A precisão dos detalhes, que para mim é imprescindível num conto, me sensibilizou em demasia”; “Alguma influência de George Orwell – 1984. Moisés lembra muito a figura do *Big Brother*. Não gostei do conto. Se você o publicar, verá que a maior parte da crítica irá referir-se a esta semelhança e à influência de Orwell”; “O grande jantar: Este conto faz-me lembrar o filme de Buñuel – *O discreto charme da burguesia* – se bem que a temática seja totalmente diferente quanto ao seu desenvolvimento e ao seu final. O texto me atraiu, sobretudo, pelo insólito, pela ironia sofisticada, pela distribuição segura dos personagens”; “Ícaro: O conto mais lírico do livro, de uma beleza escorreita, clara, cristalina”; “As pernas do marechal de pau: Táí, mais uma vez você envereda pelo conto satírico com muita propriedade e talento histriônico. Sinceramente, este conto, como eu já lhe havia falado antes, é digno de figurar em qualquer antologia que se faça”.

Coitado de mim, que escrevia sem conhecimento. Os escritores e o cineasta por Airton mencionados na carta eu mal sabia seus nomes: Fuentes, Orwell, Borges, Buñuel. Mas isso não explica nada, porque as literaturas se imbricam. Seja como for, o que eu lia mesmo eram escritores ultrapassados, de segunda categoria, lembrados talvez em seus países. Como Pedro de Alarcon. Livros antigos, sujos,

cheios de mofo, expostos nas calçadas de Fortaleza, como mercadoria velha, sem valor.

Tornamo-nos amigos. Cúmplices nas noites de cerveja e mulheres, nos manuscritos, nos sonhos. Queríamos a glória literária. Fui-me embora pra Brasília, quase inédito (um livrinho, 1974). Ele ficou em Fortaleza, inédito. Lá não fui amigo do rei, lá não tive a mulher que eu quis. E voltava pelo menos uma vez por ano, de férias. Ele, médico, frequentador assíduo do Estoril, contista elogiado por todos os críticos. Apresentava-me belíssimas mulheres, todas dele (ufanava-se disso), num ciúme de Otelo. Cuidado, “bigode” (ainda me chama assim), com minha namorada. Eu metia a cara no copo, sem jeito. Como competir com aquele psiquiatra famoso, aquele boêmio respeitado, aquele palrador de prosa macia?

Por carta, me falaram da criação do Grupo Siriará. Remanescentes do Clube dos Poetas e de O Saco e outros jovens. Como Oswald Barroso, Adriano Espínola, Floriano Martins, Nirton Venâncio, Rosemberg Cariri (antes A. Rosemberg) e Rogaciano Leite Filho, o sultão da noite fortalezense, o organizador de eventos, o divulgador dos novos, o boêmio. Na crônica “30 anos de Siriará”, Airton explica como nasceu o grupo: (...) “corriam os idos de março de 1979, quando o Rogaciano Leite Filho, numa madrugada do Estoril, me falou de sua ideia de formar um movimento literário que envolvesse todos os novos autores do Ceará, independente de estilos,

crenças, ideologias.” (...) “Numa bela e risonha manhã de domingo, o Fiat branco parou-me à porta de casa e dele saltaram o Roga e Adriano Espínola. Daí rumamos para uma reunião secreta com Oswald Barroso num pequeno sítio onde morava. Ali, entre doses capitais de cachaça e tira-gosto de piaba assada, nascia o núcleo do Grupo Siritará de Literatura. Começávamos a fazer história e sequer desconfiávamos disso. Como tudo aquilo me parecia coisa de maluco, sugeri, muito apropriadamente, que as reuniões do Grupo fossem feitas no auditório do Hospital *Mira y López*.”

Passados quase 40 anos, continuo o mesmo leitor dele. E cada vez mais admirado de seus contos. Mudaram algumas coisas: não vejo mais as mulheres belíssimas ao lado dele, o Estoril não existe mais, nossos bigodes viraram tufos de algodão, nossas cervejas secaram nos copos. Mas homem não chora, não é, Airton Monte?

Fortaleza, 27 de agosto de 2009.

(Airton nos deixou em setembro de 2012)

ADRIANO ESPÍNOLA E A BELEZA DAS ARRAIAS NO CÉU

Passei grande parte da vida a girar em torno de mim mesmo, mãos na linha que empinava pipas coloridas, olhos no céu sem nuvens e nos urubus. Quando conheci Adriano, meu mundo girava em torno de um saco de papel. Era 1976 e preparávamos o nascimento da revista *O Saco*. Um dia, saímos, Carlos Emílio e Jackson Sampaio, à cata de gênios nos pátios da Universidade Federal do Ceará. E vimos um sujeito desgrenhado, calças frouxas, a carregar um matolão de livros. Quem é este doido? Apresentaram-me o estranho. Formado em letras no ano anterior, Adriano dava aulas na jovem Unifor (Universidade de Fortaleza). Só isso? Não, isto é só a casca. Lembrei-me da cantiga de Reis: “Esta casa está bem feita / Por dentro por fora não / Por dentro cravos e rosa / Por fora manjerição”. Carlos e Jackson completaram: Este é o melhor poeta cearense da nova geração. Tem livro? Ainda não.

Fomos para a vida, eu para a revista, ele para a UFC, como professor. Passado um ano, fugi para

Brasília e perdi de vista o poeta. Vivia a ler e escrever, além de trabalhar muito. Numa noite fria, a bebericar conhaque e ler Fernando Pessoa, ouvi o tilintar do telefone. Assustei-me. Seria minha mãe? Tão doente nos últimos anos! No dia seguinte, Adriano e Moema bateram à minha porta. Prometemos, aqui estamos. Na sala, ainda sem muitas falas, chamei por Fernanda e Menita (um e dois anos de idade). Venham, filhas, conhecer o poeta Adriano Espínola e sua mulher. Sentaram-se em minhas pernas. Fernanda olhou de soslaio para o poeta: Você voa? Adriano gargalhou. Eu costumava lhes dizer: Poetas são seres mitológicos, que voam, aparecem e desaparecem num piscar de olhos, feito pirilampos. São bons ou são maus? Eu tentava explicar minha noção de poeta e mais me embaralhava. São bons, mas há quem veja neles o mal. Adriano e Moema não conseguiam parar de rir. Não assuste as crianças, Nilto. Então falemos disso e daquilo, livros, Fortaleza, amigos. Combinamos, para a manhã do outro dia, uns passeios pela cidade que eu mal conhecia. Acordei cedo e os esperei para um sábado no Planalto Central do Brasil: um clube social, uma banda barulhenta a tocar a pior das músicas, Moema, recém-operada, a se queixar de dores, o poeta muito aflito, eu a ver de perto ombros rosados, pernas roliças, bustos ardentes, biquínis sumidos.

Em 81, Adriano publicou *Fala, favela* e me mandou um exemplar. Sofri terrível impacto. Aquela

poesia me deixava doidão. Ao meu redor só havia poesia debochada demais, a chamada poesia marginal, ou o seu antídoto, uma poesia sofisticada, de difícil entendimento, com se feita de lantejoulas sobre lentes e jaulas. No decorrer da leitura (menos assustado), senti uma fisgada no córtex. Aquilo dava um romance. E assim nasceu *Estaca zero*, publicado em 87. Batista de Lima, no artigo “A estética de um ritual”, acertou na mosca: “Aliás, lembra muito o episódio da “Favela da José Bastos”, que alguns anos atrás irrompeu num subúrbio da capital cearense. Talvez seja a forma romanceada do episódio, já que o mesmo apareceu em forma de poesia, através de *Fala favela* de Adriano Spínola e teatralizada posteriormente pelo Grupo Grita”. A filiação de meu livro era clara. Na folha de rosto estampeei esta dedicatória: Para o Poeta Adriano Spínola, que escreveu o auto do desabrigo nordestino - *Fala favela*.

Por esse tempo, Adriano já andava pelo Rio de Janeiro (mestrado em Teoria Literária) e praticava voos mais altos (talvez não fossem voos, mas deslocamentos terrestres mesmo), ao publicar o volume *Táxi* (que me causou outra comoção violenta) e partir para a França (certamente pelos ares), a fim de assumir a cadeira de professor-leitor na Université Stendhal Grenoble III (ensinava cultura/literatura e língua brasileiras). Passamos uns tempos sem contato, eu em Brasília, ele no mundo (Festival Internacional do Mundo Latino, em Bucareste; 18º Salão do Livro,

em Paris; Congresso de Escritores Brasil-Portugal, no Porto). Eu em vias de me aposentar, ele a se doutorar na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Apesar dessas distâncias, o mundo é pequeno e somos cearenses. Ou seja, um dia estaríamos de novo frente a frente, aqui em Fortaleza, em Paris ou na Lua. E estivemos mesmo, por diversas vezes, ora em bares, ora em livrarias, ora em calçadas. Numa delas, num restaurante próximo à casa de seus pais, bebemos cerveja, comemos pastéis, falamos de nossos amigos, nossos livros, a vida. Pedi-lhe desculpas por um incidente: Astolfo Lima “descobriria” um plágio em *Táxi*, (seria uma recriação de *Zazie no Metrô*, de Raymond Queneau), escrevera um conto (suposto plágio do poema) e me solicitara a publicação de ambos (a explicação do plágio, intitulado “Meu exercício de estilo”, e a narrativa) na revista *Literatura*. Não concordo com a opinião de Astolfo, já ouvi falar de intertextualidade, nunca li Queneau, cometo paródias e não fossem gregos, troianos, judeus, árabes e toda a humana raça, eu não estaria aqui neste ziguezague de letrinhas. Por outro lado, leio na prosa de Astolfo muito talento e inventividade e só não o adoro (assim como não adoro Adriano) porque não sou de adorar ninguém, por carecer desse espírito religioso que afeta tanta gente. Cometeu um engano, sim, mas isto é perdoável. E Adriano sabe também que a boa literatura está repleta de enganos. E desenganos.

Peço-lhe desculpas, poeta. Olhou para mim, beijou Moema e sorriu. (É por isso que eu dizia a minhas filhas: os poetas são seres muito bons). Sorriu como os meninos que empinam arraias e disse: A Poesia é tudo isso e mais o que de mais humano houver.

Fortaleza, 19 de maio de 2011.

FLORIANO MARTINS ENTRE BOTOCUDOS E ASTECAS

Não me lembro da primeira vez que vi Floriano Martins. Deve ter sido em 1975 ou 76, naqueles dias de inquietação que precederam o surgimento da revista *O Saco*. Ele contava apenas 19 anos, andava com uns cadernos de poemas, roupas e chinelas de hippie. Interessava-se por poesia, mas também por música e teatro. É desse tempo seu primeiro livro, em parceria com Alano de Freitas.

Em 77 voei para Brasília e ele se internou (não no sentido manicomial da palavra) na Bahia. Em 79 surgiu o Grupo Siriará e dele Floriano tomou parte, ao lado de Adriano Espínola, Airton Monte, Antônio Rodrigues de Sousa, Batista de Lima, Carlos Emílio Correia Lima, Eugênio Leandro, Fernando Teixeira Gurgel do Amaral, Geraldo Markan Ferreira, Jackson Sampaio, Joyce Cavalcante, Lydia Teles, Márcio Catunda, Maryse Sales Silveira, Marly Vasconcelos, Natalício Barroso Filho, Nilto Maciel, Nirton Venâncio, Oswald Barroso, Paulo Barbosa, Paulo Veras, Rogaciano Leite Filho, Rosemberg Cariri e Sílvio Barreira. Não acompanhei de perto o movimento,

embora dele participasse. Não me encontrava com aquelas pessoas, a não ser uma vez por ano, quando para Fortaleza viajava em férias. Frequentávamos o Estoril, bebíamos muito, falávamos de literatura, brigávamos por uma palavra, ríamos de outras.

Lembro-me de uma viagem de Floriano a Brasília, no início dos anos 80. Conversamos muito a respeito de literatura e música. Ele escrevia letras para canções, fazia parcerias. Queixou-se de não ser mencionado nos discos e analisou uns e outros compositores e intérpretes. Gonzaguinha lhe parecia muito pedante. O maior interesse de Floriano, porém, sempre foi o surrealismo, sobretudo a poesia hispano-americana, à qual se dedica desde jovem.

Os anos se passaram, eu na capital federal, ele em Fortaleza e pelo mundo. Falavam-me dele em Bogotá, em Lima, em Caracas, no México. Cidadão em constantes andanças pelo orbe e pelas urbes, tradutor de mil poetas da América hispânica, palestrante, editor. Apesar de vagarmos por caminhos diversos (na verdade, eu não andava nada, vivia socado em Brasília), mantínhamos certa amizade. Eu lhe mandava meus livros, ele me enviava os dele. Sobre a poesia dele escrevi algumas linhas em “Floriano Martins: Poesia da Paisagem”, após ler *Nenhuma correnteza* inaugura minha sede, publicado em 1979. Trecho: “Floriano Martins não pinta, não porque lhe falte pincel, mas porque olha o mundo, olha o olhar, olha para fora, para dentro e para aquele espaço que nenhuma máquina conse-

guiria ver. Revela sua própria loucura, aquela que põe diante do mesmo telescópio a criança, o primitivo e o mágico. A loucura de olhar e ver um gato mastigando, irônico, a minguante face da Lua”.

Floriano publicou muitos outros livros, fez centenas de viagens, tornou-se nome conhecido no cenário literário. Não sei por que nos afastamos. Voltei a vê-lo uns 20 anos depois, em 2001, na cidade de São Paulo. Convidados a participar de um encontro de escritores e editores brasileiros e estrangeiros, no Instituto Goethe, encontrei-o à porta do elevador do hotel onde nos hospedamos. Abraçamo-nos, rimos e fomos nos preparar para as palestras. Foram três dias de muita cerveja, conversa fiada, brincadeiras e peregrinações pela metrópole bandeirante. Na primeira noite saímos eu, ele, Claudio Willer e outros escritores, cujos nomes não guardei. Bebemos muito e conversamos como velhos amigos, embora eu não conhecesse Willer e tivesse pouco conhecimento de Floriano.

Quando viajava a Fortaleza, perguntava por ele. Está em Montevideu. Outro contrainformava: Não, já voltou de lá, e ontem viajou para Tegucigalpa. Não sei se brincavam comigo ou com ele. Ou se não brincavam. Certo dia, encontrei Jorge Pieiro. Sabes onde está Floriano? Qual deles? O nosso amigo e conterrâneo. Ah! pensei que você estivesse interessado no ex-presidente. Nem me lembrava mais de Floriano Peixoto. E fomos à casa nova do poeta. Recebidos a bala (trazia às mãos dúzias de balinhas de chocolate, limão, café), dirigimo-nos a um bar. Eles riam a mais não

poder. Não sei de que riam. Gargalhavam sem parar. Não me importava com aquilo, olhos nas ancas das moças que passavam pela calçada. Leste o último livro de fulano? Aquela múmia sem bálsamo? Riam mais. Que achas de beltrano? Pensa que sabe escrever. Gargalhavam e eu me virava para as pernas que iam e vinham. E de sicrano? Continua parnasiano e nem sabe que o parnasianismo está morto. Riam como nunca. Nesta selva, são poucos os botocudos que se salvam.

Passados mais alguns anos, estivemos em Aracati. Não sei se um festival literário, um encontro cultural ou uma festa internacional de comes e bebes. Ao chegarmos (conduzidos em carro oficial ou terceirizado), pedimos as chaves dos respectivos quartos na portaria. Entregaram uma. Floriano riu. Continuei muito sério. Riu mais quando constatamos a presença de uma só cama (de casal). Pronto, mestre, acabamos de nos casar. Indignado, voltei à entrada e exigi duas camas. Ou quartos separados. Acabávamos de nos separar. A moça não riu e prometeu (eu me sentia o próprio Prometeu acorrentado) trocar a cama grande por duas pequenas. E fomos para a primeira noitada no bar do hotel. Cercaram-no poetas de todas as Américas: chilenos, paraguaios, peruanos, hondurenhos, maias, incas, astecas. E o abraçavam e falavam uma língua estranha (para mim), enquanto riam, sem parar. Sem querer, me embriaguei e fui dormir, sisudo e botocudo.

Fortaleza, maio de 2011.

ROTEIROS DE NIRTON VENÂNCIO

Quando vivia em Brasília, quase nunca eu via Nirton. Após o meu regresso ao Ceará, estive com ele duas ou três vezes lá, e outro tanto aqui. Numa das vindas dele, marcamos encontro em hotel à beira-mar, onde se hospedavam cineastas, atores, atrizes, participantes de um festival de cinema aqui. Pus-me a andar pelo *hall*. Todos os sofás ocupados. Gente de todos os tipos para lá e para cá. Sentia-me um ser estranho. E era. Vontade de sair logo dali, ver pessoas comuns. Recostei-me a uma pilastra. Por que Nirton não aparecia logo? E apareceu. Fizemos as perguntas possíveis e necessárias. Entretanto, não podíamos conversar, tal a algazarra. Por que não vamos tomar uma água de coco? E saímos do hotel. Atravessamos a avenida e nos sentamos em cadeiras de uma barraca. Nirton se disse cansado e solitário. E com saudades do Ceará. Quero voltar, Nilto. Suguei o líquido do coco e vaticinei: Você não voltará. Ele se assustou e, como se o acusassem de crime hediondo, se defendeu: Preciso voltar. Quero viver o resto da

vida aqui. Fui áspero: Não conseguirá. Por quê? Porque tem filhos. São crianças, sim, mas têm raízes, amigos. E, quando crescerem, serão pais. Isto é, você será avô. Estará irremediavelmente preso à terra onde eles nasceram e cresceram.

Não me lembro de quando o conheci. Deve ter sido um pouco antes da criação da revista *O Saco*. No final de 77, mudei-me para Brasília. Reencontrei-o dois anos depois, em Fortaleza, quando se formava o grupo Siriará de Literatura. Ele cursava Letras na Universidade Estadual do Ceará (UECE), publicava poemas em jornais e revistas, principalmente na página de Rogaciano Leite Filho, no jornal *O Povo*. Logo depois ganhou o 1º Prêmio Filgueiras Lima de Poesia, com os originais de “Roteiro dos pássaros”, publicado a seguir.

Durante anos seguidos, passei férias em Fortaleza. Convidavam-me, todas as noites, para bebedeiras e conversas intermináveis. Encontrávamo-nos no famoso Estoril. Muita bebida, todos a falar ao mesmo tempo, garotas à cata de aventuras, poetas muito vaidosos, algumas rusgas verbais, tramas por de baixo das mesas. E Nirton de máquina fotográfica em punho, a registrar tudo, sempre a sorrir, lúcido (bebia um pouquinho só), atento ao menor ruído, a um piscar de olhos, a movimento lento de mão. Características de quem é apaixonado por cinema.

Passavam-se os anos, eu continuava a visitar a capital cearense nos janeiros. Num deles, notei a ausên-

cia de Nirton no Estoril. Terá morrido? Carlos Emílio brincava: Deve ter ido para a Lua. Cutuquei Floriano Martins: Você sabe do Nirton? Gargalhou, puxou a ponta do meu bigode e sentenciou: Refugiou-se no Planalto Central. Era verdade: em 86 mudou-se para Brasília. E aquela notícia soou como se me falassem em degredo na África. Agora, sim, nunca mais verei meu amigo. Dito e feito: durante 16 anos deixei de ver Nirton. Pois, em Brasília, as pessoas não se veem, não se tocam, não se falam, sobretudo, se forem amigos. Certa manhã, encontrei (tomei grande susto) o escritor gaúcho Lourenço Cazarré no saguão do prédio onde eu morava. Éramos amigos há muitos anos. Intrigado, perguntei: Que fazes aqui? Moro no quinto andar. Desde quando? Faz dois anos. Sorri e tentei abraçá-lo: Eu também moro aqui. Desde quando? Faz três anos. Ele tentou escapar do assédio e escorregou no rumo dos carros. Segui-lhe os passos. Pois vá ao meu apartamento hoje ou amanhã. Quero lhe mostrar uns continhos inéditos. Fica no sexto andar. Ele ainda brincou: Então és tu, fauno senil, o monstro que não me deixa dormir? Senti-me ofendido. Que significava aquela frase? Se quiseres, poderei te visitar hoje à noite. Ele deslizou mais para o canto da parede. Não, não precisa. Ou então poderemos marcar um churrasco para o fim de semana, no Parque. Ele parecia cada vez mais espantado: Um churrasco? Sim, um churrasco, carne de boi ou de vaca, muito sal, cervejinha gelada ou, quem sabe,

chimarrão. Pôs-se a correr, enquanto gritava: Vamos combinar o seguinte, Nilto: quando você quiser se comunicar comigo, escreva um bilhete e ponha naquela caixinha de correio (e apontou para um quadro de madeira embutido na parede).

Bastou regressar ao Ceará (setembro de 2002), para eu e Nirton nos encontrarmos, pelo menos, uma vez por ano. Como vão os filmes? E ele passa horas a falar do curta que pretende realizar. Gostei muito do conto “As pequenas testemunhas”. Não sei se seria possível transformá-lo em película. Há algumas dificuldades: as personagens são crianças do sexo feminino num colégio. Estou pensando em transformá-las em meninos. Faça isso, Nirton. Nas sociedades humanas (acho que desde as mais primitivas), meninas são como vaquinhas sagradas: intocáveis. Meninos servem para tudo: para pedir esmola, assaltar senhoras e senhores, virar homem (ou mulher), matar cachorro ou gato na rua, jogar pedra em doído, ser ator de filme infantil. Mas Nirton não tem nada a ver com isso. Segue o próprio roteiro. Ou o roteiro dos pássaros.

Fortaleza, maio de 2011.

MÁRCIO CATUNDA AO REDOR DO MUNDO E DA POESIA

Meu amigo Márcio nasceu em 57. Uns meses antes daquela copa de Futebol que expôs ao mundo e à história, Pelé, Garrincha, Didi e outros semideuses dos gramados. Naquele tempo, eu vivia a jogar bola nas calçadas e no meio da rua. Dentro de casa, com meus irmãos Ailton e Edinaldo, sentia-me um deus a manipular botões, com nomes de gente, sobre um tabuleiro. Nem pensava em literatura, letras, livros. Catunda engatinhava (e eu não via). Aprendeu a balbuciar (e eu não ouvi). Quando deu os primeiros chutes, eu não me interessava mais por bolas e botões. Adolescência, mirava meninas e rabiscava versos e frases. E andava só, pelas ruas de Fortaleza, querendo ser gente.

Cresci, virei adulto, apanhei da polícia. Medroso, deixei de lado o sonho de me tornar outro Lênin ou outro Trotsky e, em 74, publiquei o primeiro livro. Ainda não conhecia Márcio, que se arrastava pelo chão dos versos e frequentava o Clube dos Poetas Cearenses (chegou a presidente em 75). Ignorante e preconceituoso, eu passava ao largo deles e da casa de

Juvenal Galeno, onde se reuniam para ler ou declamar (será que declamavam ainda?) versinhos sem pé nem cabeça. Detestava aqueles poetinhas imberbes que mal sabiam o abecê. Talvez porque me falassem mal deles. Quem? Terá sido Renato Saldanha? Ou Rembrandt Esmeraldo? Com eles eu conversava a respeito de literatura, entre uma aula e outra na faculdade de Direito. No ano seguinte, me aventurei na criação da revista *O Saco*. E me tornei mais presunçoso ainda. Catunda se iniciava nas letras: publicou um livrinho de poemas com Natalício Barroso. Nem tomei conhecimento dele (ou deles). Eu lá queria saber de versejadores!

No final de 77, parti para Brasília. Em 79, surgiu o grupo Siriará. Não assisti ao parto. Eu conhecia, de vista, quase todos os fundadores. Márcio fazia parte do movimento. Passado um ano, recebi exemplar de *Incendiário de mitos*, seu primeiro livro. E só então principiou nosso conhecimento recíproco. Cartas e livros iam e vinham. Em 83, em Fortaleza, o poeta esteve à frente da “Chuva de Poesia” (lançamento, desde um helicóptero, de 160.000 folhetos (poemas), sobre a Praça do Ferreira). Em 84 se mudou para Brasília. Preparava-se para ingressar no Instituto Rio Branco, o que ocorreu no ano seguinte. De vez em quando, nos encontrávamos, por acaso. Eu trabalhava muito, lia muito, escrevia um pouco. Ganhava prêmios literários, publicava por editoras do sul e do sudeste. Ele queria ser diplomata, além de

poeta. Eu me preparava para me separar, ele pensava em casamento. Tomávamos chope, falávamos do Ceará, de livros e escritores. A seguir, desapareceu, subitamente. Por onde andaria o poeta? Teria regressado ao Ceará? Não, está em Lima. Virou inca? Não, é diplomata. Depois eu soube dele em Genebra, em Lima de novo, em Sófia, São Domingos, Lisboa, Acra (Gana), Madri. Um homem do mundo.

Tenho visto pouco Márcio Catunda, porque vive a circunavegar a Terra, malas repletas de livros de poemas, ficção e outras prosas. Como ando mais ao redor de mim mesmo, só o vejo em sonho, nos livros e na memória. Num desses sonhos, achávamo-nos em Moscou. Eu andava pela rua, à noite, à cata de uma russa que me quisesse. Bebia vodca, tropeçava no gelo, caía. Ao tentar me harmonizar com o espaço, levava um pontapé. Estonteado, via-me diante de uma figura grotesca a rosnar, irada: trotskista do inferno, vais morrer congelado, brasileiro desgraçado, inimigo de Stalin. E enfiava minha cara no gelo. Sufocado, quase morto, eu gritava por socorro, em português. Passava pela rua um sujeito baixinho, de óculos, abraçado a uns livros. Ao ouvir meus brados, corria ao meu encontro e, com um soco, abatia o russo. E me abraçava. O que houve, Nilto? Vamos sair daqui, antes da chegada dos agentes do KGB. Está ferido? Machucado. Quer tomar vodca? Entrávamos numa taverna. Álvares de Azevedo falava para uns jovens. Estamos em Moscou? Não, aqui é São Paulo. Você conhece bem

esse pessoal? Sim, conheço todos eles. Quem são? Veja ali Floriano Martins, ao lado de Martín Fierro. Existe mesmo esse gaúcho? Está vendo Francisco Carvalho? Com quem ele conversa? Você não conhece o Fernando? De que Fernando você está falando? Ora, meu amigo Nilto, só pode ser o Fernando Pessoa. Estou vendo também Moreira Campos, naquele cantinho. Com quem ele tanto fala? Você não se lembra de Anton? Quem é Anton? Ora, Nilto, você parece bobo. Estou falando de Tchecov.

Embasbacava-me a cada instante. Márcio sorria e não parava de nomear as pessoas. Está vendo aquele sujeito solitário, a rabiscar papéis? Sim, quem é ele? Franz. Não sei quem é. Nunca ouviu falar de Kafka? Quase caí de susto. Não pode ser verdade, Catunda. Pois me leve até ele. Acorda, homem. Isto é impossível. Você é muito pequeno para se aproximar dele. Eu me aborrecia e fazia menção de me retirar. Como eles vieram parar aqui? Não sei explicar, Nilto, porque conheço tanta gente e tantos mundos que se torna impossível distinguir a realidade do sonho. Estamos sonhando ou vivendo? Faz alguma diferença?

Kafka olhou para mim, como se percebesse minha pequenez. Márcio me arrastou para a porta de saída. Um vento quente me empurrou contra a parede. Acordei muito suado, a tremer, febril.

Fortaleza, junho de 2011.

CÂNDIDO ROLIM ENTRE A FUGA DA CIDADE E A ETERNA IDADE

Se não fôssemos escritores, Cândido Rolim e eu nunca teríamos nos conhecido. A não ser por acaso. Ou se nos tornássemos protagonistas de episódios de repercussão internacional, como o assalto ao trem pagador, os crimes da rua Morgue ou o grande desastre aéreo de ontem. Nos jornais, diriam repórteres alarmados e alarmantes: “Morreram, também, o maestro Cândido Rolim e o ator Nilto Maciel. Mergulhadores encontraram, a boiar nas águas...”. Jorge de Lima, o mais singular dos poetas brasileiros, escreveria: “Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradiváriu”. Porém, nada disseram, nada dizem, nada dirão, pois somos apenas poetas, como outros, no imenso palco do mundo.

Não pude conhecer Cândido nos momentos iniciais de sua trajetória poética, pois, quando chegou a Fortaleza, em 78, eu já me encontrava em Brasília.

O *Saco* não existia mais e talvez houvesse marasmo na vida literária da capital cearense. Eis por que o jovem egresso de Várzea Alegre encontrou arrimo em dois poetas sexagenários: Germano Pontes e Caetano Ximenes Aragão. O que certamente o ajudou a amadurecer mais cedo. Entretanto, necessitava da companhia de poetas de sua idade e queria publicar os primeiros poemas. E assim se deu, a partir de 82, nas revistas *Ceia Literária* e *Nação Cariri*, bem como nos cadernos de cultura dos jornais *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Estado de Minas*. Não acompanhei esta sua fase. Nem sequer tive conhecimento de sua primeira coleção de poemas, *Rios de Mim* (Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1982). Só soube dele mais tarde, quando se encontrava em Belo Horizonte, para onde se mudara em 84, e se editou seu segundo volume de versos, *Arauto* (Sabará: Edições Dubolso, 1988). Enviou para mim um exemplar.

Os anos se passavam e ele terminou se mudando para mais longe do Ceará: foi bater em Porto Alegre, como se fugido da seca, da polícia ou de alguma mulher. Seu único amigo no norte talvez fosse Jorge Pieiro, irmão de ideário artístico. O que se demonstra no selo (de Jorge) do terceiro livro: *Exemplos alados* (Fortaleza: letra & Música, 1997). Ainda no sul, editou *Pedra Habitada* (Porto Alegre: AGE, 2002). Nesse ano, voltei a Fortaleza. Com Pedro Salgueiro e Jorge Pieiro, me encontrava quase todo dia (noite). Notícias de Rolim? Pieiro brincava: Anda rolando

candidamente pelos pampas. Bebíamos muito e falávamos dos amigos distantes. Notícias de Rolim? No Natal de 2004, Pieiro sorriu e anunciou a novidade: O poeta mais careca do mundo estará entre nós no dia 10 de janeiro. E assim se deu. No dia seguinte, nos encontramos no Dragão do Mar. Não me assustei logo, pois seu rosto aparecia em jornais e livros: calvície acentuada, óculos de grau, rosto ossudo, quase chocho. Estávamos sentados, Pieiro e Pedro, a sorver chope. Falávamos da nova literatura brasileira. Fulano mal sabe escrever e, no entanto, é tido como gênio. Súbito, apareceu à nossa frente uma figura quase esquelética, semelhante a um boneco constituído de pedaços de pau, manipulado por mão invisível. Olhei para o alto do prédio, como se buscasse o manipulador dos cordéis que movimentavam a marionete. Como é de praxe nessas ocasiões, abri a boca. Brincalhão como é, Jorge arremessou uma tampa de garrafa, que se aninhou entre o céu da boca e a língua. Acordei e me vi diante daquele sujeito muito magro com aparência de assombração. Então me assombrei. Sentado, quis recuar. Como e para onde? Fugir. Esvanecer-me. Impossível. Abracei-o calorosamente, a suar e tremer, como se estivesse diante do mais insólito vivente. Olá, Nilto. Sentou-se e se pôs a falar. Pieiro ria, como sempre ri, até em velórios e enterros. Pedro se mantinha sério, a beber compassadamente. Você ainda bebe, Rolim? Não muito, mas em ocasiões como esta, sim. O garçom

de aproximou de nós, solícito. Traga-me uma vodca sem gelo e água tônica. Falamos disso e daquilo, engolimos cevada e lúpulo, vimos pernas e ancas em movimento. Meia hora depois, o poeta anunciou: Preciso ir ao banheiro injetar-me uma substância. Pedro o socorreu: Suba a escada. Tive novo assombro. Então o homem vinha do sul viciado em droga injetável e falava sem cerimônia daquela prática daninha, como se aquilo fosse normal? Vi-o afastar-se, sacolinha à mão, serelepe, alegre, quase feliz. Meus amigos se fizeram calados, carrancudos. Covarde, senti medo. E imaginei o pior: policiais, em ronda, flagrariam o pobre poeta em plena aplicação da droga na veia. Ao final, nós quatro, poetas de pouco nome, seríamos conduzidos, algemados, à delegacia. E tive a lastimável ideia de anunciar minha retirada: Preciso ir embora agora. Com Rolim falarei noutro dia. Por que assim, tão de repente? Ia explicar minha decisão, quando surgiu, sorridente e lépido, o nosso cândido conviva. Agora estou bem. Preciso de insulina a toda hora, meus amigos.

Temos nos visto, de vez em quando, mas não com a frequência com que desejo. Rolim anda sempre a correr, com se fosse pegar o último trem. Ora vindo de um compromisso inadiável, ora indo para outro mais inadiável ainda. Dividido entre a literatura e a advocacia, não sabe se deva salvar a noiva que cai no altar e voa pelos ares, branca e imaculada, ou a flor que deveria a ela entregar. Agarra-se à hélice

do avião, para não sucumbir. E como estão os poemas? Escrevendo como posso, meu caro Nilto. E some, quase sem se despedir. Manda-me, por *e-mail*, ensaios de esmerada elaboração. Tento lê-los, mas, na minha ignorância, não consigo passar do primeiro parágrafo. Ele ri. Não faz mal. Um dia você me entenderá. Acho que não. E me penso num grande desastre aéreo, entre a eternidade da poesia e a fugacidade da prosa.

Fortaleza, junho de 2011.

DIMAS MACEDO E O DOCE LAR DAS LETRAS

Minhas amizades com escritores cearenses se iniciaram em três etapas: até meados de 1977 (quando me retirei para Brasília); deste tempo até setembro de 2002 (período em que vivi na Capital Federal); e o depois disto. A primeira começou pouco antes do surgimento da revista *O Saco*: Airtton Monte, Batista de Lima, Carlos Emílio, Gilmar de Carvalho, Jackson Sampaio, Oswald Barroso, Paulo Veras, Renato Saldanha, Rosemberg Cariry, Yehudi Bezerra e outros. Na segunda, sobretudo quando a Fortaleza vinha de férias, me aproximei mais de Adriano Espínola, Floriano Martins, Carlos Augusto Viana, Luciano Maia, Márcio Catunda, Nirton Venâncio e Rogaciano Leite Filho, participantes do grupo Siriará. A seguir, conheci Dimas Macedo. Não me lembro da apresentação, quem a fez, onde e quando. Pode ter sido numa das noitadas no Estoril. Não sei, pois bebíamos muito além do que sorviam os idólatras de Baco e, assim, quase todo o meu viver de então o arrastou o vórtice do olvido ou se afundou nas reentrâncias da memória.

Sei, porém, que é de 1980 a divulgação de seu primeiro conjunto de poemas – *A distância de todas as coisas* –, que me ofereceu e li, com deleite, quer à primeira refeição, quer a desoras, vésperas de calar a boca. E escrevi um artigo, publicado em jornais: “Poemas das Lavras de um poeta”. A seguir, em 1986, compôs o prefácio, intitulado “Contos picarescos e alegóricos”, para minha terceira coleção de contos: *Punhalzinho cravado de ódio*. Não sei se lhe pedi (devo ter pedido) tão grande favor. Se pleiteei, o fiz por ver nele não apenas o poeta, mas o crítico. Eu havia lido *Leitura e conjuntura*, de 1984, seu primeiro volume de artigos de análise literária. Estávamos amigos e enamorados, eu de sua poesia e seu modo de ver a literatura, e ele, certamente, de minha prosa de ficção. Passamos a nos corresponder. Cartas longas e curtas, sempre cheias de notícias e comentários de livros. Veio, então, o tempo da revista *Literatura*. 1992. Convidei-o, desde a primeira hora, para fazer parte do conselho editorial e colaborar com artigos e poemas.

Dimas esteve duas vezes em minha residência de Brasília. Conversamos muito, ele a me pedir informações dos escritores de lá, a me falar dos de cá (sempre com elogios aos mais velhos, assim como aos novos) e de Fortaleza, cidade muito amada dele. Quando a nossa capital visitava, ele me conduzia, de carro, aos mais requintados bares e restaurantes, me apresentava a personalidades da política e das artes,

a mulheres elegantes, a noviços das letras, como se eu fosse um príncipe exilado: Fulano, este é Nilto Maciel, o mais... Já ouvi falarem do senhor. Sim, mas não o conhecia de perto. Sempre solícito, sempre bem-humorado, sempre muito educado. E sempre sabedor de tudo: de obras a serem publicadas, da biografia quer dos antigos, quer dos contemporâneos, do folclore que forja a aura de muitos, das dificuldades financeiras deste, da opulência daquele.

Em Brasília, todos o sabiam de nome e de livros. Nem precisava apresentá-lo. Então este é Dimas Macedo? Não o imaginava tão jovem. Admiro demais a sua poesia, rapaz. Um dos melhores poetas do Ceará, terra de grandes escritores. E choviam elogios, que se repetiam muito depois de ele regressar às praias.

Nunca falávamos de política, futebol, mulher, religião, clima, ciência ou qualquer outro assunto que não fosse literatura. Como vai sua família? Não, isso não nos perguntávamos. Pois não éramos amigos. Nem o somos. Falo de amigos no sentido popular ou tradicional da palavra. Não contamos um ao outro nossos conflitos pessoais ou questões familiares, como costumam fazer os amigos. Não tratamos de confidências do tipo “apaixonei-me por fulana”. Não, isso não. Porque essas comunicações de segredos não as fazem os escritores. Não precisam disso. Elas são traduzidas em poemas, principalmente. Ou nas memórias. Somos, pois, amigos pela literatura ou nela.

Dimas exerce mais de uma atividade profissional, como quase todo escritor brasileiro, e a elas se dedica com abnegação. Entretanto, difere de seus colegas na divisão do ano. Seis meses jurista e professor, seis meses poeta e crítico. Chegado o tempo destes, abandona a cátedra, o fórum e o gabinete de procurador do Estado, e se consagra a ler e escrever, participar de lançamentos de livros, festas literárias, encontros, proferir palestras, frequentar bares, restaurantes e livrarias. E eu não sabia disso, por não viver na mesma cidade. Quando recebi carta dele, na qual comunicava seu afastamento temporário das lides literárias, tomei um susto: “Não me escreva até o final do ano, não me mande livros ou quaisquer outras publicações...” Pensei loucuras: o coitado deve ter sofrido imensa decepção. Enviei cartas a amigos para saber o motivo de tão esquisita decisão. Todos me deram a mesma explicação: Não se preocupe, Nilto. Ele é assim mesmo. Logo voltará ao nosso doce lar de ilusões. E voltava mesmo. Com o ímpeto de antes, nova reunião de poemas, novo conjunto de estudos, projetos e mais projetos.

E assim tem sido esse poeta magnífico, esse teórico de ampla visão, esse pensador de altos voos.

Fortaleza, 16 de fevereiro de 2011.

PEDRO SALGUEIRO E O CULTO AO LIVRO

Meu conhecimento com Pedro Salgueiro vem de 1995, quando participou do primeiro concurso de contos promovido pela revista *Literatura*, por mim dirigida. Enviou a peça “Dos valores do inimigo”, que obtive o terceiro lugar e foi publicada na edição nº 8, referente a junho daquele ano. Pouco depois (não poderia ser antes, tendo em vista que o certame se reservava a obras inéditas), ele me enviou exemplar da primeira edição de *O peso do morto*, no qual a pequena narrativa está incluída. Na dedicatória, chamou-me de “amigo e companheiro de ofício”. Na mesma época, Dimas Macedo, correspondente não oficial da revista no Ceará, me falou dele com muito entusiasmo. No ano seguinte, recebi *O espantallo*. Até então eu não o tinha visto, com ele não havia conversado. O que se daria em janeiro de 97, quando estive de férias em Fortaleza. Organizava ele, ao lado de Tércia Montenegro, o *Almanaque de contos cearenses*. Em golpe de mestre, planejou uma reunião de escritores no bosque da Faculdade de Letras da Universidade

Federal do Ceará, que receberia o nome de Moreira Campos. Para dar mais importância ao encontro convidou a viúva do homenageado, Dona Zezé Moreira; a filha (escritora) do casal, Natércia Campos; o pesquisador, professor e poeta Sânzio de Azevedo; e os escritores “de fora” Nilto Maciel e Caio Porfírio Carneiro. Algumas fotografias obtidas naquela tarde estão reproduzidas naquela publicação.

No final das férias, regressei a Brasília, voltei à minha lida de burocrata do Judiciário e aos meus velhos passatempos: ler livros de escritores novos, escrever cartas, editar revista. Nem me lembrava mais do projeto do almanaque, que projetos de editar jornais, revistas, almanaques de literatura, no Ceará, só se realizam de 30 em 30 anos, com muito esforço de um ou dois escritores (a maioria não sai da plateia, embora queira subir ao palco, e no papel de protagonista). Pedro me enviou alguns exemplares da coleção. E não deixou de mandar seus livros: a 2ª edição de *O peso do morto*, em outubro de 97, e *Brincar com armas*, em 2000. Em retribuição, eu lhe remetia a revista. Não éramos amigos, embora já fôssemos companheiros de ofício. Para que a primeira oração fosse rezada, precisávamos nos aproximar. Não para isto, decidi vir morar em Fortaleza, em setembro de 2002. Precisava fugir da secura de Brasília, da solidão das superquadras, do burocratismo arraigado na pele das pessoas, do clima de academia de letras que ronda

os escritores de lá. Fugir dos espantalhos, dos mortos que andam, respiram e escrevem versinhos, dos inimigos escondidos atrás das pilastras dos prédios, que matam com armas de brinquedo.

Ao aqui chegar, procurei uns e outros escritores. Levaram-me a clubes à beira-mar, a jantares à luz de velas, a academias de musculação linguodental. Mas não me levaram aos botecos, aos bares, ao bate-papo, às sirigaitas da Beira-mar. Telefonei a Pedro: queria conhecer o Dragão, tomar uns chopes, ver a noite, ouvir as estrelas e andar de carro pela cidade que abandonara havia 30 anos. Eu conduzia o veículo e ele me guiava: entra à direita, vira à esquerda, segue em frente. Na primeira noite ocorreu um sinistro: sorvi doze chopes e falei de literaturas. Ele tomou dois e não conseguiu dizer nada. Ao se erguer da cadeira, tombou. Deitou-se no banco do carro, vomitou e dormiu. Para as seguintes noites, convidou Astolfo, Pieiro, Napoleão e outros candidatos a contista. Ao fim da pândega, eu conduzia o embriagado narrador ao seu lar e rumava para o calçadão da Beira-mar, onde me aguardavam as raparigas em flor.

Passavam-se os anos, surgiam outros projetos literários, os novos escritores nos mostravam seus rasciscos, eu me mudei para o Benfica, fez o mesmo Pedro, descobrimos o bar do Assis e mais nos tornávamos amantes do álcool. Vez por outra, aparecia Carlos Emílio, a resmungar, a se dizer perseguido, copiado e plagiado no que ainda nem escrevera. As-

tolfo se irritava com as observações de Pedro pela ausência de vírgulas em suas composições. Carmélia Aragão destilava francês ao redor das mesas e prometia peças como há muito não se escrevem. Raymundo Netto lia crônicas de uma imaginária Fortaleza antiga. Adolescentes ávidos de fama cercavam o pobre Salgueiro: leia esta obra literária, publique minha história. Ele fazia promessas de mundos e fundos, piscava um olho para mim, emborcava o copo e se punha a contar piadas, velhas anedotas, sempre repetidas. “A mesma história tantas vezes lida”, como escreveu Florbela Espanca.

Passaram-se os tempos. Agora os encontros se dão em minha mansão na Parquelândia. Mais atento ao hoje do que ao ontem, Pedro tenta, então, imitar Fagner, cantarola o hino do Fortaleza Esporte Clube e me pede para ligar a televisão. Quer ver o jogo do Barcelona. Faço de conta que estou surdo. Ele olha para mim com rancor leonino e deita um litro de álcool goela abaixo. Cansado disso e daquilo, conta a piada de anteontem. Todos riem. Ele bebe mais. Quando se sente menos lúcido, põe-se a analisar as próprias narrativas: conto sempre as mesmas histórias: homem que foge da cidade, homem que regressa ao lugarejo natal; no desfecho, mato uns e outros. Por isso me chamam de Pedro Sangreiro. Na noite seguinte, conta as piadas de ontem, imita Roberto Carlos e Fagner, e fala de suas (dele) obras.

O melhor de tudo se dá quando me visita: traz com ele dez ou mais amigos. Vai logo às prateleiras, à

cata de “novidades”. Vai prestar culto aos meus livros, que são dos outros. Surrupia um Cervantes aqui; alisa um Quevedo ali; pede, por empréstimo, um Dante envelhecido. Ajoelha-se diante deles, faz prece, venera os velhos tomos. Os outros visitantes não se sentem logo à vontade, descrentes. Primeiro bebem muito e falam demais. Alguns se dizem poetas de meia-tigela; outros, prosadores de meia-pataca. Um deles até quer assim ser chamado, teima nisso. Mas é poeta de muito valor: O Poeta de Meia-Tigela. Uns quebram copos e garrafas, outros sujam o tapete de lama. (Quem se lembra da canção “Edredom vermelho”, de Glória Martins e Herivelto Martins?). Esses estroinas (no sentido de singulares) das letras, muito jubilosos quando se sentem entorpecidos, logo se põem a cantar como Nelson Gonçalves. Conhecem toda a música popular brasileira. E a erudita. Netto faz da caneta, às vezes, varinha de maestro, e arremeda Zubin Mehta. São todos muito corteses: leem meus poemas em voz alta, prometem musicar minhas composições, tencionam me filmar e me dizem eterno enquanto durar. Pedro, o padrinho desses mancebos, se mostra encabulado diante de tantas estroinices e pede licença para ir ao banheiro. Não vai, me engana. Vai ao cômodo (altar) onde repousam os mestres: Anacreonte, Baudelaire, Camões... Todo o alfabeto literário. Nosso livro sagrado.

Fortaleza, abril de 2010.

SOARES FEITOSA: ORACULUM, ORACULI

Recebi (em 96 ou 97) um embrulho volumoso e pesado, de remetente desconhecido. Seria mais um escritor novato em busca de leitor e crítico? Naquela noite, eu pretendia dar mais uns retoques num conto iniciado havia mais de uma semana. Jantaria, conversaria com a família, comentaria os fatos do dia. No entanto, o pacote sobre a escrivaninha me chamava a rasgar seu invólucro. Jantei, pouco conversei e nem prestei atenção às notícias da televisão. Quem seria aquele Soares Feitosa? Violei o papel, sem fúria. E aos meus olhos se mostrou um objeto colorido, de capa dura e muitas páginas, chamado *Réquiem em sol da tarde*. Todo feito em computador, em casa, artesanalmente. Pus-me a ler e me fui fascinando. Sentei-me, para não desmaiar. Permaneci lúcido, acordado, por muitas horas. O resto da noite passei a ler aquela poesia, ao mesmo tempo, seca e úmida, mineral e vegetal, leve e pesada. E fui me entorpecendo, até pegar no sono sobre o dorso do livrão. Pela madrugada, minha companheira me acudiu. Eu adormecera,

entorpecido de prazer, como se tivesse me enchi-
do de ópio. Dias depois, mandei carta ao poeta.
Ora, eu não sabia de sua existência. Eu e quase
ninguém. Porque inédito, escondido, a poetar sem
alardes, recluso em casa.

Conheci Soares Feitosa em Brasília, alguns anos
depois daquela noite de papoulas imaginárias. Con-
versa rápida, porque anda sempre com pressa, em
razão das lides forenses, viaja para cá e para lá e não
dispõe de tempo para parlendas inúteis em bares e
outros lugares onde poetas barrigudos ou esguios, e
sem tino, costumam destilar (ou dedilhar) suas folhas
(ou fálhas) literárias. Deu-se numa tarde melancólica,
num sábado qualquer. Fui ao encontro dele, endereço
anunciado por telefone. Apresentamo-nos, sem ne-
cessidade, porque já nos conhecíamos literariamente.
E isto basta. Falou e falou, durante quase todo o tem-
po da reunião. Não falou de si ou de sua poesia. Falou
tão-somente do *Jornal de Poesia*, com um entusiasmo
de adolescente. Editor de revistas havia mais de vinte
anos, fiz-lhe perguntas de entrevistador: Como você
seleciona os poemas e contos? E ele, como se se irritas-
se (parece estar sempre irritado, de mau humor), não
titubeou: Não faço seleção nenhuma; que o façam os
leitores e os críticos. Insisti: Certamente nem tudo é
publicado. De certa forma, há uma seleção. Ele se ir-
ritou mais, depois sorriu. Ou gargalhou: Sim, há os
cupinchas. Se for meu cupincha...

De volta a Fortaleza, em 2002, procurei-o. Eu
tencionava, havia muito, criar um jornal do conto

na Internet. Marcamos dia, hora e local do encontro. Convidei dois ou três amigos para a visita. Abraçou-nos, ofereceu água e café. Vínhamos esbaforidos, suados, cansados. Não, café não combinava com o nosso sarau. Pelo telefone interno, chamou uma serviçal: Traga rapadura. Um minuto depois, uma cesta com pedaços de rapadura nos foi apresentada. Comam. Essa é a comida do sertanejo. Vocês precisam mesmo é de rapadura da serra. Enquanto comíamos, ele voltou a falar de literatura. E do *Jornal de Poesia*.

Soares Feitosa não tem papas na língua. Fala tudo, sem rodeios (ou ardeios), sem vergonha, feito criança. Embora meninão, não faz perguntas, mas afirmações. Mesmo as que mais chocam ou melindram o interlocutor? Você nunca leu a *Bíblia*; não sabe onde fica o sertão; está perdendo tempo com esse tipo de literatura. Além disso, conhece todo mundo: dos poetas gregos aos cantadores de feira, dos romancistas russos ao mais esquecido escritor dos cafundós. Fala, com desenvoltura, de uns e outros. O cego fulano, o louco sicrano, a mocinha de Cabedelo, o mocinho de Maria Farinha. Nunca os viu e não tem interesse de vê-los. Tem memória como poucos: O poeta beltrano, autor de *A mocinha de Cabedelo...* Parece ter lido há poucos minutos a obra completa do interlocutor: Nilto, quando o cabra que virou bode saltou, nu, a janela da casa do “coroné”, já sabia que um bode-expiatório se preparava, no meio do mato, para salvá-lo da morte.

Soares não faz elogios à toa, assim como não perde tempo em espicaçar poetas, contistas e romancistas. Se gosta da obra, faz hermenêutica. Destrinça tudo, escarafuncha as vísceras do pergaminho. Não diz trivialidades ou frases pomposas, dessas que se ouvem e leem nas academias, nos jornais, nas esquinas, nos bares (fulano é gênio; a poesia de beltrano é digna de Camões). Talvez nem as ouça: entram por um ouvido e saem pelo outro. Parece ter lido tudo. Ou o essencial de tudo: gregos e troianos, poetas e cronistas bíblicos, latinos e trovadores medievais, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Fernando Pessoa (assim mesmo, no plural), cordelistas, cegos aderaldos. Além disso, aprendeu, como poucos, gramática e etimologia. Seria um sábio, um mestre. Ri disso. Tem imaginação de profeta. Sorri. Ora, se não tem vocação para sábio, mestre e profeta, só pode ser poeta. Entretanto, diz ter escrito o primeiro poema após completar 50 anos de idade. É possível.

Os mais moços (eu e ele somos sexagenários) chamam-no rabugento, porque o procuram para ouvir elogios e ver seus versos no *Jornal de Poesia*. Ele, porém, fala de poemas centenários. E eles não o ouvem. Certa noite, ao redor de uma mesa, num bar do centro cultural Dragão do Mar, ele falava do *Gênesis*. E contava a história do amor de Jacó por Raquel, e citava versículos da *Vulgata*: *Habebat vero filias duas: nomen maioris Lia, minor appellabatur Rahel; sed Lia lipis erat oculis, Rahel decora facie et venusto aspectu. Quam*

diligens Iacob ait: Serviam tibi pro Rachel filia tua minore septem annis. (Na tradução de João Ferreira de Almeida: “Ora, Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha os olhos baços, porém Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava a Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel”). Um engraçadinho, metido a sabichão, pôs-se a declamar: “Sete anos de pastor Jacó servia / Labão, pai de Raquel, serrana bela” (...). Irritado, por ser interrompido, Feitosa se calou e fez menção de se retirar. Pedi-lhe calma, permanecesse, continuasse a história. Entretanto, à sua frente, um poeta e uma poetisa se lambiam. Talvez impulsionados pelo conto genesíaco. Feitosa se irritou mais ainda, não sei se por não o ouvirem, não sei se por quererem representar em público. E sapecou: Isso é uma esculhambação.

Estou devendo mais uma visita a Feitosa. A degustação da rapadura da serra. A disposição para ouvir sua fala de homem com raiva do analfabetismo, da ignorância, da cegueira, da surdez de muitos cate-dráticos, notáveis eruditos, mestres. Estou lhe devendo uma visita para compreender um pouco mais de mim mesmo. Porque Soares Feitosa é também leitor de mentes. Ou de entrelinhas. De entrementes? Melhor dizê-lo oráculo.

Fortaleza, fevereiro de 2010.

TÉRCIA MONTENEGRO: ANTES E DEPOIS DO DILÚVIO

Quase todos os escritores cearenses (aqui nascidos ou vindos de outras capitâneas) conhecem os outros escritores locais. Talvez não conheçam as obras. Mas sabem da mulher ou do marido, dos filhos, sobrinhos, primos, onde trabalham e moram, o que comem e bebem. Têm informações da vida dos outros, como se fossem membros de uma seita esotérica. Como se a literatura fosse uma religião. Ou uma igreja. Para alguns, terreiro de macumba. Com pai-de-santo, pomba-gira, despachos, oferendas. Para outros, santo daime, com chá de ervas, orações, roupa branca, devaneios, desmaios, viagens interestelares. Muitos deles escrevem, ininterruptamente, *per omnia saecula saeculorum*, o livro sagrado: em mesas de bar, nas alcovas das meretrizes, em motéis luxuosos, em clubes suntuosos da Beira Mar. Escrevem a própria bíblia, o próprio alcorão. São tão íntimos uns de outros que até cochilam nos sofás amigos, quebram copos e taças, derramam bebidas, vomitam na sala, gritam, como se estivessem no Castelão ou no

Presidente Vargas. Apesar de tudo isso, uns detestam outros. Se pudessem, cometeriam esquadrejamentos e empalamentos, da forma mais parnasiana ou romântica possível, em seus ídolos, amigos ou simples confrades. E iriam embora tranquilizados: em casa, saciados, se debruçariam de novo sobre o poema iniciado há dias ou uns trechos - obscuros, para eles - de Romeu e Julieta: “Basta que as mãos nos juntes com palavras consagradas; e que a morte, depois, que o amor devora, faça o que bem quiser”.

Faço de tudo para ser educado com todos eles, sejam cardeais ou simples vigários, príncipes de antigas dinastias ou presidentes de novas irmandades. Se forem educados, inteligentes, instruídos, melhor ainda.

Tércia Montenegro é de outro tipo. Prefere passar longe de terreiros e templos faustosos ou centenários. Apesar disso, conheço a sua dinastia. Pois leio José Lemos Monteiro, seu pai, desde o romance *A valsa de Hiroxima* (1980). Assim como ele me lê há algum tempo, pois escreveu o prefácio de *A guerra da donzela*, em 1982, meu primeiro contrato com grande editora. Entretanto, só estive com ele duas ou três vezes, e muito depois de ter conhecido sua filha.

Tomei conhecimento de Tércia (não exatamente dela, mas de sua literatura) ainda nos seus primórdios, em 1995. Instituí um concurso literário de contos para a revista *Literatura*. E ela concorreu com as peças “A borboleta” e “Entre o mar e a favela”, que obtiveram menção honrosa. Na edição nº 12, da ci-

tada publicação, referente a junho de 1997, publiquei dela a composição “A espera”, incluída depois em *O vendedor de Judas*. Falavam-me dela (só elogios, é claro), por carta ou quando aqui passava dias, de férias. E eu com vontade de a conhecer pessoalmente. Até que, em janeiro de 1997, Pedro Salgueiro – descobridor de talentos – me prometeu o quase impossível: “Irei te apresentar a Tércia”. Meu coração se pôs a bater incontrolavelmente: “Quando, quando?” Marcamos encontro no bosque da Faculdade de Letras, onde seria prestada homenagem a Moreira Campos. Ao bosque seria dado o nome do imenso contista, passados três anos de sua morte. Seriam convidados alguns escritores, compareceria D. Zezé Moreira Campos, viúva do escritor, fotógrafos estariam a postos, os mais afoitos falariam. Ao chegarmos ao lugar, Pedro segredou: “Prepare-se, velho, que a musa está bem próxima de nós. Olhe e mire: é aquela beleza de moça”. E apontou para uma jovem sorridente.

Tércia é toda gentileza. Nunca a vi falar mal de qualquer pessoa, seja simples noviço de confraria, seja cardeal. Não perde tempo com essas ninharias de sectários. Prefere a leitura dos clássicos e dos pré-clássicos. Ou se dedicar à própria literatura, primorosa desde os primeiros exercícios. Tão gentil é que não poucas vezes me visitou, não apenas para ver meu “jardim dos caminhos que se bifurcam” ou minha “biblioteca de Babel”, mas também para me alegrar com sua juventude e sua inteligência. Aqui

e acolá nos encontramos por acaso, que Fortaleza é tão pequena quanto o mundo. Então tomamos café, comemos tapioca e falamos de nossos projetos e de nossas realizações literárias. Não nos interessam as enfermidades mentais dos alucinados das letras. Que tenham muita saúde e leiam mais.

Em 2005 estivemos em Porto Alegre. Representamos o Ceará (estado homenageado) na 51ª Feira do Livro de Porto Alegre. Recebidos, como personalidades, por escritores e jornalistas locais, passamos três dias a palestrar, conceder entrevistas, passear pela bonita cidade. Um dos melhores momentos ocorreu na visita à Casa de Cultura Mario Quintana, à Travessa dos Cataventos: abraçamo-nos a ele (estátua), tiramos fotos, estivemos no Café dos Cataventos, com amigos gaúchos, conhecemos o último quarto de hotel onde o poeta morou.

O pior momento dessa viagem se deu numa noite de muita chuva, exatamente a noite em que deveríamos lançar os nossos *O resto do teu corpo no aquário*, dela, e *Panorama do conto cearense*, meu. Sentamo-nos no interior de uma tenda, no centro de uma praça, cercados de livros e leitores. O locutor anunciou: “Estão presentes os escritores cearenses Tércia Montenegro (ouviram-se aplausos) e Nilto Maciel” (ouve apupos, vindos do lado do Guáira). Ela sorriu e me deu sossego: “Devem ser os sapos com frio”. Não entendi nada. Como não entendi nada do mundo, quando uma chuva grossa se iniciou. Olhei para a

capa das narrativas dela e tive vontade de chorar: o resto dos nossos corpos no imenso aquário do mar. Rajadas de vento varriam os volumes, batiam nas lonas da barraca, sacudiam nossos corpos trêmulos. E a água se foi aproximando de nossos pés, sorrateira. Seria o início do dilúvio derradeiro? Pela primeira vez, tive medo de morrer. Porque não via nenhuma tábua de salvação. Apeguei-me aos santos Erico Verissimo e Mario Quintana. Pedi-lhes proteção. Que nos enviassem a arca salvadora – não precisava ser a de Noé. Podia ser uma jangada, uma simples tábua que fosse. Podia ser a tábua das leis, a dos dez mandamentos. E bastava um preceito: não morrerás em vão. Eis que nos surgiu, a boiar, um mui grande alfarrábio, com capa de couro: o *Alcorão*. Lançamo-nos a ele, sem titubear. “Vamos, Niltão, antes que nos levem ao oceano sem fim estas águas gaúchas”. E, assim, saímos, sobre a escritura maometana, em ondas revoltas, por ruas e becos, esgotos e canais, até aportarmos diante do hotel onde nos hospedávamos. Esgotado, lançou-me aos pés de um balcão. Era o bar do hotel. Pedi, sôfrego e trêmulo, um conhaque. Quase engoli o copo. E desmaiei. Só fui acordar dois dias depois, já no assento do avião que nos traria de volta à terra seca (prometida). Olhei de soslaio para o lado direito: Tércia lia, tranquila e sorridente, uns contos de Lygia Fagundes Teles. Súbito, uma sacudida. Caí da poltrona. O livro de Tércia voou e me atingiu em cheio a cara, quebrou meus óculos e me

fez mais atônito do que nunca. Ora, escapáramos do dilúvio para morrer em tempestade aérea? Apesar de tudo, estávamos mais próximos do céu. Não rezei, porque não sei rezar e porque já me encaminhava (voava) para o reino de Deus. Ela me sacudiu: “Acorda, Niltão, que estamos chegando ao Ceará”. E o pesadelo acabou.

Fortaleza, 25 de março de 2010.

AS OUSADIAS DE JORGE PIEIRO

Na avidez de converter em literatura quase tudo, projetei transformar em personagens alguns amigos escritores. Não porque eles sejam pitorescos ou modelares. Podem até ser. Eu, no entanto, não desenvolvi a capacidade de enxergar o cerne da alma deles. Ficaram apenas as aparências. Por outro lado, casmurro como sou, não me aproximei mais das pessoas. Permaneci ao largo, às vezes sem sequer as ouvir. Em razão disso, senti-me impelido a imaginá-las.

Uma delas é Jorge Pieiro. Primeiro me falaram dele. Não sei quem nem quando. Certamente ele me escreveu cartas. E se apresentou. Deve ter sido em julho de 1991. Pois é deste tempo as dedicatórias de *Ofícios de desdita*, *O tangedor* e *Fragments de Panaplo*. Alguns anos após sua estreia, ocorrida em 1987. Já não se sentia um principiante, portanto. Talvez se sentisse importante. Sobretudo, porque quem o apresentou ao mundo literário chamavam-se Moreira Campos. Oh! As ousadias dos outros! Eu nunca tive essas ousadias. Chegar a Moreira Campos me levaria alguns anos de relutância. E somente depois

de publicado. Jamais me passou pela cabeça enviar ao grande contista (ou a outro figurão) uns originais, para avaliação. Eu nunca tive dessas ousadias. Talvez por medo de ser reprovado logo na primeira prova. Mas Pieiro teve.

Certa tarde, em Aracati, num auditório repleto de adolescentes e alguns escritores de Fortaleza, Jorge fez uma declaração retumbante: Após ler Alencar, Machado, Eça e outros cardeais da literatura de língua portuguesa, chegara à conclusão de que também ele poderia escrever. E alcançar o cardinalato literário. Por que não? E se pôs a escrever. Sentiu-se satisfeito. Se não chegava a ser como Machado ou os outros (quem sabe, um dia chegaria), pelo menos conseguia escrever como queria. Após a preleção, anunciou a leitura de um conto. E leu “Meu tio e eu”. Que começa assim: “O tio era magrinho. Contava nos dedos a idade, brincadeira. Tantos dedos eram poucos para tanta. Tinha a pele muito pálida e um gênio danado. Era dele de quem eu gostava. Muito mais que dos outros treze. Eu sabia que ele tinha visões. Talvez por isso julgavam que ele fosse doido. Quando chovia, ele corria comigo pela rua, na lama. Gritava e ninguém aguentava os gritos.” A plateia atenta, calada, suspirosa: “Cresci e crescia cada vez mais. Até que um dia, o tio me chamou. – Agora vou ser Deus pra sempre! Ele riu e se engoliu, como um novelo. Naquela hora, senti que o novelo tinha se enganchado na minha garganta. Eu achei que fosse ele. A alma dele. A vida dele. Não sei.

Meus outros treze tios suspiraram aliviados.” E terminou assim: “Meus outros treze tios quando souberam, rasgaram a pele do rosto. Eram mesmo umas máscaras! Tentaram me castigar, mas não puderam mais. Eu já era grande. Aí, dessa vez, foram eles que choraram. Sentiram um gosto novo de arame farpado na garganta.” Ao A sala se encheu de aplausos e algum choro. Jovens comovidas. E os garotos terão se comovido? Por que não? Quem não se comove ao ler (ou ouvir) uma história como aquela?

Jorge fala (e pratica) essas ousadias com a maior desenvoltura, a rir. Talvez para rir antes que riam do que diz. É um homem risonho. Brincalhão. E de muita presença de espírito. Tem sempre na ponta da língua uma resposta. Não é daqueles que engolem a língua, mastigam saliva, se engasgam, ao serem inquiridos ou estimulados a falar. Por que você escreve assim? Porque quero e porque só sei escrever assim.

Certa noite, em Brasília, me telefonaram. Aqui é Jorge Pieiro. Eu não o conhecia pessoalmente. Como está Fortaleza? Bem suja, mas estou em Brasília. Ora, vamos nos encontrar, Pieiro. Não tardou, sapecou o que queria: hospedar-se em meu apartamento. Achei a proposta o cúmulo da ousadia, mas contive o susto. Só quero uma cama e um banheiro. Fui ao encontro dele, pusemos as malas e os cacarecos dele no carro (já me esperava na calçada, talvez com vergonha da pobreza da quitinete onde dormira por uns dias) e partimos para o novo destino dele. Eu acordava, e nada de Jor-

ge. Tinha ido trabalhar. Almoçava, e nada de Jorge. À noite íamos aos bares, onde escritores se reuniam. Ele contava piadas, sorria, gargalhava, batia nas costas dos ilustres intelectuais desconhecidos dele, como Anderson Braga Horta, Antonio Carlos Osório, Fernando Mendes Viana, poetas da Idade do Ouro. E bebia um bocado. Por volta da meia-noite se aquietava: vamos, Nilto, que preciso acordar cedo. Não ia dormir, no entanto. Lia e escrevia até altas horas.

Era o mês de junho. Nos colégios, festas juninas, toda noite. A uma delas levei-o. Tomou “quentão”, comeu salsichão assado e dançou com minha filha Aretusa, de seis anos. Era 1996. Comprei para ela uma espada de plástico. Fazia parte da festa. Sentamo-nos a um lado e ele iniciou uma encenação horripilante: meteu entre um braço e o peito a espada, como se a enfiasse no coração. Aretusa se assustou, a princípio, mas, como ele risse e não tombasse, nem sangue nenhum jorrasse de seu peito, ela sorriu e o abraçou.

Voltei a morar em Fortaleza em 2002. De lá para cá (2009) quase não o vi. Mas sempre me lembro de suas ousadias e, vez por outra, releio seus contemas inusadíssimos: “Ella, quero andar com você pelas ruas. Vamos? Não posso, bobo. Você é um escritor... Por que não? Você inventa...” (“Epílogo”, de *A grande casca do s*).

E digo cá comigo: que ousadia!

Fortaleza, 5 de novembro de 2009.

DIMAS CARVALHO E O REINO DA POESIA

Conheço a literatura de Dimas Carvalho há muito tempo. Li quase todos os seus livros. Meu conhecimento com ele, porém, veio depois. Vi-o pela primeira vez numa tarde de janeiro de 1997. Inaugurava-se o Bosque Moreira Campos (Faculdade de Letras da UFC). O evento está registrado em fotografias, três delas reproduzidas nas páginas derradeiras do *Almanaque de contos cearenses*, daquele ano.

Não lembro mais quem me apresentou a Dimas. Talvez Pedro Salgueiro, relações públicas da literatura cearense. Conhece todo mundo: acadêmicos engravatados, cordelistas de chapéu de couro, poetas de todos os naipes: enigmáticos, sorumbáticos, asmáticos. Frequenta, com desenvoltura, o banquete dos escritores de fraque e cartola e a alcova das hetairas. Pois deve ter sido ele o autor da apresentação de Dimas a mim.

De longe, avistei aquela figura esquisita, a sorrir e palrar. Supus tratar-se de algum cigano (Pedro se dá bem com todas as maiorias e minorias), em busca da

mulher perdida. Vestia calça de linho branco e camisa colorida (talvez portasse um punhal na cintura). Na cabeça, chapéu de feltro. No pescoço, cordão dourado. Nos braços, relógio e pulseiras de ouro. “Não vá se assustar. Dimas gosta de se mostrar assim. Além disso, anda sempre com, pelo menos, duas mulheres jovens e belas. É o dândi da ribeira do Acaraú.” Não me assustei, porque nem a poesia mais enigmática me assusta.

Depois daquele dia festivo (Moreira Campos merece mais homenagens como aquela), Dimas e eu pouco nos vimos, ele na sua Acaraú, eu em Fortaleza. Estivemos em bares e encontros de escritores, palestras em faculdades, lançamentos de livros, entrega de prêmios (as paredes e estantes de sua casa estão repletas de certificados, medalhas, etc). Tanto abocanhou prêmios que julgadores de concursos já dizem: “Não, desta vez Dimas não deve ganhar. Precisamos democratizar os concursos literários.” Não concordo com certas práticas democráticas. Pois isso ocorreu em certo concurso, do qual fui julgador. Dimas concorreu na categoria “livro publicado”. Dei meu voto, convicto de estar escolhendo o melhor. Os demais julgadores, no entanto, votaram em outra obra: “O livro de Dimas é o melhor, sim, mas ele já ganhou prêmios demais. Agora é a vez de outros.”

Amante das fêmeas humanas, Dimas escreve com um olho na folha de papel e outro nas ancas das moças. Apesar disso, não há uma só página em

sua obra em que se vislumbra ao menos uma curva mais erótica.

Admirador de padre Antônio Tomás, sabe-lhe de cor todos os sonetos. E os diz, ufano, como se entoasse o Hino Nacional. Como o primeiro quarteto de “Verso e reverso”:

*Essa mulher de face encaveirada
Que vês tremendo em ânsias de fadiga
Estendendo a quem passa a mão mirrada
Foi meretriz, antes de ser mendiga.*

É sua intenção publicar em livro a obra do grande poeta de Acaraú.

Dimas é viajante nobre. Todo ano vai à Europa. Conhece, palmo a palmo, as ruas das principais cidades europeias. E tem memória fabulosa. Narra até os pormenores de seus passeios por Lisboa, Paris, Roma. Para o ouvinte é como se estivesse ao lado do poeta nas caminhadas pela História.

Por tudo isso, já valeria a pena conhecer Dimas Carvalho. Mas há ainda o poeta e o contista, ambos excelentes. É ler seus livros, suas fábulas perversas, suas pequenas narrativas, suas histórias de zoologia humana, seus poemas. O mais recente – *Acaraú & outros países* – é uma homenagem ao seu pequeno reino, a oeste do império dos tapuias. Nele há também um poema longo, monumental, desses que só os maiores conseguem compor: “Outros países”. São 21 sone-

tos de esquemas variados. Assim, os 11 primeiros se apresentam dentro do chamado modelo inglês. Todos – ou o todo – compostos como numa partitura. E então se vê, sobretudo, o rosto de Camões (não só nos versos “é para muito além que eu não desejo / cruzarmos os olhares redundantes / por mares nunca navegados dantes / dormem os caminhos que pra nós prevejo”) e o olhar iluminado do Jorge de Lima de Invenção de Orfeu (“Ser que nasceu bem antes do princípio / e que decerto nunca há de ter fim / pois ele é o próprio abismo, o berço, o início”).

Para ser poeta da estatura de colosso, bastaria este poema. Obra de quem se situa entre o eterno e o universal.

Fortaleza, 24 de agosto de 2009.

CARLOS NÓBREGA: O QUANTO É POETA

O surgimento de mais um poeta bom – de mais um escritor talentoso, digamos – é sempre surpreendente. Porque costumamos – os leitores – dizer: a poesia se esgota em fulano, o conto atingiu o ponto culminante em sicrano, o romance teve seu último grande cultor em beltrano. Sim, Fernando Pessoa é único (ou múltiplo), Machado é quase insuperável, Guimarães Rosa escreveu um monumento.

Conheci Carlos Nóbrega recentemente, já neste século. Não sei se num bar (poetas continuam boêmios, bebedores e até morrem de cirrose). Talvez numa livraria (os bons escritores leem). Arredio, na grande cidade de Fortaleza ninguém o sabia poeta. Talvez apenas seus familiares e amigos. De ultimamente para cá tem me visitado em casa. Bebe e fala muito, lê demais e escreve como poucos. Na verdade, só fala muito depois de muito beber. Começa nas notas musicais: dó, re, mi... Depois do segundo copo, abraça os dissílabos: dose, reto, mito. Mais uns goles e chega aos trissílabos: dolente, rotundo, míti-

co. Quase bêbado, tropeça nos polissílabos: transforma tempestades em copos d'água, arrosta potestades, enfrenta malfeitores de versos. Mas sempre sóbrio, nem nobre, nem brega. Apenas Carlos Nóbrega, apenas poeta:

“Sou só Carlos, mas sou livre

E vivo mais do que é preciso.” (“Autobiografia”)

Ofertou-me, neste julho de 2009, exemplar de seu mais novo livro: *O quanto sou* (Fortaleza, Expressão Gráfica, 2009). Li-o em algumas manhãs de muito sol na pequena sala onde passo grande parte do dia. Nela estão poucos livros: os meus, dos cearenses, ensaios, dicionários, gramáticas. O arroz-com-feijão do dia a dia. Nela estão também canetas, papel, computador, *long-plays*.

Carlos Nóbrega é sóbrio, na aparência: nada de barba, nenhum boné, roupas simples. (“O artista é um paisano / não precisa usar farda; / Não precisa de uma barba / à Hemingway ou retilínea, / Nem dizer grandes palavras... / Não precisa de uma blusa / desleixada ou bonitinha / Ou do boné, que é de Neruda / nem da boina de Guevara. / Ao artista basta a arte / Não precisa de mais nada.”) (“Contratipo”) Parece um homem comum, desses que se casaram para sempre, que frequentam templos, veem telenovelas com a esposa, torcem pelo Flamengo ou pelo Corinthians. Não, ele é incomum: é bom poeta: “Contra o torpor, / todo dia eu me fascino.” (“Imunização”) Veio ao mundo para compor versos como os do poema “Jogo”:

*Vivo sempre neste jogo
Fugir de onde eu me pus
De dia eu quero sombra
De noite eu quero luz.
Me bastasse uma coisa só
Por exemplo luz e sol
Ou por outro cinza e sombra
O meu olho só teria
A cegueira do esplendor
Ou a certeza dos escombros.*

Não tivesse eu medo de ser copista – nos diversos sentidos da palavra –, passaria o resto destas folhas brancas (escrevo em caderno ainda) a copiar o livro de Carlos Nóbrega. Para prazer de meu punho e dos olhos de meus leitores. E haja voyeurismo!

Fortaleza, 17 de agosto de 2009.

O CONCERTO INEBRIANTE DO POETA DE MEIA-TIGELA

Vi, pela primeira vez, o Poeta de Meia-Tigela numa noite de ano da dezena inicial do terceiro milênio. Visão que me estarreceu. Imaginei-me em estado de alucinação. Sim, aquela figura esguia, quase transparente, alva de pele e roupas, a caminhar na minha direção, me fez tremer. Culpei a bebida. Andava então a me embriagar o dia todo. A ter pesadelos, acordar trêmulo e com ganas de subir ao mais alto do prédio e de lá me jogar para o precipício do nunca mais.

Eu o esperava, é certo. Pois Pedro Salgueiro combinara uma visita a mim, tal qual vem fazendo há quase dez anos. Toda semana me telefona: Nilto, quero te apresentar um poeta novo. Nunca diz: Levarei à tua presença uma poetisa jovem. Vem sempre acompanhado de meia dúzia de poetas e prosadores.

Quando pronunciou o nome do visitante, brinquei: Homem de Deus, já me bastam os poetas de meia-tigela que você traz ao meu tugúrio de concreto. Por que não vem com Jorge de Lima, Murilo

Mendes, Nauro Machado? Ele riu, porque sempre ri: Você não irá se arrepender. Este é dos bons.

O Poeta de Meia-Tigela tem outro nome: Alves de Aquino. Porém, prefere o primeiro. Estudou filosofia, que conhece como poucos filósofos, de Sócrates e Platão a ele mesmo, e leciona a matéria numa universidade. Sua figura, no entanto, não lembra a de um pensador grego, mas a de algum personagem de Dostoiévski, de quem é leitor *full time*.

Nos primeiros momentos do encontro, falei pouco, desconfiado, a mirá-lo de soslaio. Quem seria aquele sujeito de aspecto ultrapassado, barba comprida e rala, cabelos assanhados, olhar de desvairado, jeito de parricida, fala mansa?

Outros encontros ocorreram. Mais conversas recheadas de lucubrações e regadas a éter e demais anestésicos. Aos poucos, tornei-me seu admirador, não por sua sabedoria aristotélica, sua maneira platônica, sua quietude socrática. O que nele seduz é a humildade. Não vive a esfregar poemas na cara dos ouvintes. Sabe ouvir e falar, sempre atento aos menores ruídos ou aos maiores silêncios.

Poeta da genealogia daqueles de quem pedi presença a Pedro, não necessita de apresentações, apesar de novo. Entretanto, me solicitou prefácio para seu magnífico conjunto de poemas *Concerto nº 1 nico em mim maior para palavra e orquestra*, editado em 2010. Se eu soubesse da grandeza deles, teria recusado o convite. Pois não tenho aptitude sequer para falar da Gran-

de Poesia, quanto mais para analisá-la. Sou apenas leitor indolente e sem perspectivas de dar um passo a caminho da hermenêutica. Ele, porém, não conhece o meu estado mental e, inteligente e magnânimo que é, quis me privilegiar. Rabisquei umas tolices e ele as achou saborosas. Estou em seu livro, pois.

O Poeta tem me visitado com frequência. Falamos de quase tudo: livro, literatura, música, cinema, vida, mulher... Nunca se mostra sábio. Chega a fazer perguntas. Não, não quer medir meus conhecimentos. Não é daqueles homens sabidos que destilam sabedorias em mesa de bar. Não profere frases feitas ou extraídas de livros. Fala a língua dos poetas. Ou nem tanto. Não dá lições, não se exhibe com ares de professor. Parece aluno de escola primária ou aprendiz da vida. Ouve com atenção, opina, discute sem empáfia, como se todos fossem poetas da sua estatura. E não somos. Ou não sou.

O que dizer, então, das mulheres do Poeta? Amante doentio de Emma Bovary, Anna Karenina, Bárbara de Alencar e outras heroínas literárias ou reais, ele vai da Rússia czarista e da França absolutista à Fortaleza do final do século XX e do princípio do XXI, movido pela mesma paixão: a liberdade de amar e viver. Com aparência de santo ou místico – não aquele figurino de Francisco de Assis adotado por outro poeta apaixonado, o asceta Alcides Pinto –, modula seu cântico nos colos febris das raparigas (no sentido lusitano da palavra) em flor.

À maneira de Caetano Ximenes Aragão, em *Romanceiro de Bárbara*, o Poeta de Meia-Tigela compôs poemas para a primeira grande revolucionária nascida no Ceará, reunidos no volume *Memorial Bárbara de Alencar & Outros Poemas* (2008). E lhe deu voz: “Costuma ser grata / A volta pra casa. / Mas não neste caso / Em que me maltratam”.

Alves de Aquino é, também, divulgador de arte. Por algum tempo, editou um jornalzinho, repleto de poemas, contos, entrevistas com escritores e muito mais. Numa das edições, estampou entrevista comigo, realizada por ele e Mario Sawatani, na casa deste. Para nos sentirmos relaxados, serviram vinho chileno e música popular brasileira. Ligado o gravador, perdi a compostura e, instigado pelos dois entrevistadores, contei tudo. Tanto quanto um torturado. À hora do almoço, a conversa resvalou para os porões mais escuros da nossa intimidade. Muito sério, o Poeta me chamava de Príncipe Myshkin, como se me visse russo e idiota. Quis me zangar, mas, me conformei com minha condição, ao vê-lo confundir Mário (seu amigo de infância) com Dimitri Karamazov. Felizmente, o inteiro teor daquele colóquio não chegou ao jornal.

Fortaleza, 23 de fevereiro de 2011

MANUEL BULÇÃO E O TREMELUZIR DAS DEUSAS

Numa noite de 2007, no bar do Assis, na Gentilândia, Pedro Salgueiro e eu bebíamos cerveja e falávamos da eterna e diária lengalenga de escritores que se acham gênios e, apesar disso, não conseguem, sequer, um lugarzinho nas chamadas antologias de poemas, contos ou crônicas. Trazida (pelo próprio Assis) a quarta garrafa, propus-me ir ao banheiro e, distraído, me ergui. No entanto, por um triz não volvi à posição de frequentador de boteco ou não tombei morto, tal o susto tomado: cercavam-me dois indivíduos corpulentos, risonhos e tagarelas. Boa noite, boa noite. Minha primeira sensação, logo desfeita, me lembrou a de vítimas de assalto. Salgueiro tratou de fazer as apresentações: Nilto, este é o contista Felipe Barroso; e este é o filósofo Manuel Bulcão. Como ando sempre a delirar com as palavras e os nomes próprios, imaginei ser Felipe sobrinho de Juarez Barroso, e o outro, neto de Soares Bulcão. Gerada a confusão, todos a falar ao mesmo tempo, ouvi (ou suponho ter ouvido) vagos elogios ao velho poeta cearense e

à sua filha Florinda, a atriz. Vieram-me à lembrança cenas do filme *Investigação* sobre um cidadão acima de qualquer suspeita, a que assisti no Cine Diogo, se não me engano.

Naquela noite de 24 de maio de tantos equívocos, ganhei de Bulcãozinho (assim o chamam também) dois livros: *Esquisitices do óbvio* e *Sombras do Iluminismo*. Entre um gole e outro, eu lhe fazia perguntas indiscretas e ele gaguejava: Não, não sou filósofo. Sou apenas ensaísta. Educadamente, Felipe se intrometeu: Na verdade, Bulcão tem se dedicado a estudos críticos sobre questões filosóficas fundamentais do mundo contemporâneo, sobretudo, no que tange às implicações sociopolíticas dos avanços atuais da ciência. Embasquei-me. Com que palavras me dirigir a ele, se não passo de leitor fugaz de poeminhas e continhos? Pedro, sempre a brincar, filosofou: Todo filósofo é ensaísta, mas nem todo ensaísta é filósofo. Não rimos, em respeito a ocasião.

Li os dois volumes com muita seriedade, em momentos de plena lucidez. Como li, mais tarde, a terceira obra de Bulcão: *A eloquência do ódio*. Entretanto, não os comentarei nesta crônica. Só não posso deixar de fazer um comentário, pelo menos: Como escreve bem este rapaz! Segue à risca a norma da língua e não embrulha o leitor. Mesmo as ideias mais complexas (para mim) ele as expõe com simplicidade quase pueril. Como todo bom filósofo ou ensaísta, tem os pés plantados na literatura. Logo nas primeiras pá-

ginas das *Esquisitices* cita Shakespeare, Turguêniev e Dostoiévski. Tanto lê Marx como Tchekhov, Freud como Thomas Mann, Sartre como Camus. E ainda lê os do seu tempo: pensadores, poetas, historiadores, romancistas.

Porém, Bulcão não é pedante. É muito menos chato. Não anda por aí com livros alemães debaixo do braço ou fazendo citações em inglês. Uma vez o vi com um *Phänomenologie des geistes*, de Friedrich Hegel. Percebeu minha estupefação e logo tratou de explicar a origem daquele espírito: É de uma amiga. Não consegui ler. Não queria me humilhar, humilhando-se.

Se lhe falam de Nabokov, dá uma gargalhada: Adoro lolitas, assim como balzaquianas. Não faz da literatura – seja ela a de Russel, Todorov ou Musil – um trampolim para saltar sobre seus interlocutores e aparecer à frente do palco como doutor sabe-tudo. No entanto, tem mais conhecimento de filosofia, mitologia, etimologia, todas as logias, do que todos do nosso círculo de leitores. Enquanto li (certamente não sou parâmetro para comparações) *Os dados estão lançados*, e mais um ou outro livro de Sartre, ele leu não somente *Les jeux sont faits*, mas a obra completa do francês, até mesmo a póstuma.

Manuel Bulcão é sujeito muito divertido, apesar de não escrever uma só frase que nos faça rir. Sua graça maior, porém, se nota quando tenta explicar sua gagueira. Torna-se trágico de repente, sobretu-

do, quando salta da gagueira para os males mais graves que o afligem. Nada esconde, desde os nomes dos medicamentos que usa até seus efeitos colaterais: Nem posso beber cerveja. Bebo de teimoso. Mas prefere uísque: Nilto, se tiver um uisquinho... Faço das tripas coração para ser gentil com ele. Deixo de comprar livros para trocar dinheiro por um Johnnie Walker Blue Label. Prefiro morrer analfabeto a deixar um filósofo amargurado.

Bulcão é um sábio. Fale-se de Deus e ele dispara ideias como esta: Não se pode descartar a possibilidade de o Universo ter sido criado por uma inteligência de carne e osso. Fale-se de homossexualismo e ele se afunda em informações: Os siwa consideram anormal não ser bissexual. E se perde a falar do assunto: Para os etoro, a heterossexualidade é obrigatória na maioria dos dias do ano, mas há os dias em que as relações homossexuais são livremente praticadas e incentivadas. Ao ouvi-lo, Pedro, embriagado, ri e diz tolices: Isso é conversa de baitola.

Não, não é conversa de baitola. Pois, das setecentas fêmeas que seduziu (segundo um amigo dele), para todas se valeu da sabedoria. Sempre a bater com firmeza de troglodita nos machos mais brutos, como Hitler, Mussolini e Stalin. Ou nos pensadores do ódio e das ideologias da desigualdade. Dimas Carvalho se insurge ante esta suposta capacidade de sedução: Mulher não se deixa seduzir por conversa de intelectual. E expele machismo por todos os poros:

Mulher intelectual é fêmea frustrada no sexo. Bulcãozinho balança a cabeça, sorve um gole do caríssimo uísque, acende um cigarro e pisca para mim. Ou será para alguma deusa a tremeluzir entre o instante humano e a eternidade?

Fortaleza, março de 2011

FELIPE BARROSO E A MEMÓRIA

Muitas vezes somos compelidos, os cronistas, a nos copiar. Que o diga Airton Monte, há anos devotado a escrever todo dia um texto para jornal. Pois esta crônica lembrará outra, que começa quase assim: Numa noite de 2007, Pedro Salgueiro e eu bebíamos cerveja no bar do Assis, na Gentilândia, e contávamos antigas histórias de gênios incompreendidos. Tudo invenção nossa, que gostamos de ridicularizar nossos amigos. Nessas ocasiões, o riso me dá muita sede. Vamos pedir mais uma? E Pedro gritou: Assis, traz a segunda. Sem se deixar enganar pela astúcia brincalhona do frequentador diuturno de seu bar, o comerciante se aproximou de nossa mesa: Esta é a quinta. Tomei mais um gole e senti saudade do banheiro. Imaginei a sequência de minha ação: Por-me-ia de pé, como os bípedes comuns, caminharia até o sanitário, sem pressa, e... Não consegui dar o primeiro passo: Cercavam-me dois indivíduos corpulentos, risonhos e tagarelas. Cumprimentaram meu gordo comparsa e me olharam com curiosidade de aventureiros. Pedro tratou de apresentá-los a mim:

Nilto, este é o contista Felipe Barroso; e este é o filósofo Manuel Bulcão. Apertadas as mãos, corri ao toalete. De volta, ouvi falarem de Carlos Emílio. Não sei bem o que diziam. Para mudar de assunto, os dois pediram uísque.

Lembrei-me da figura de Felipe em uma noite no Ideal Clube ou no Espaço Cultural Oboé. Exibia-se um documentário dele a respeito da Padaria Espiritual. Então você é o documentarista? Sim, sou eu. E logo passamos a falar de cinema, passado, literatura e projetos. Revelou o nome do seu próximo documentário: “Subversivos”. Interessado no assunto, pus-me a mentir: Posso ajudar, Felipe. Conheci e conheço todos os revolucionários cearenses desde 64. Narrei umas histórias, que ele achou inverossímeis. Você conhece Tarcísio Leitão? Fazia comícios de pegar fogo. E José Genuíno? Vi-o muito em parlanches nas faculdades e nas praças.

Felipe Barroso é pessoa quase sisuda. Dedicase, com afinco, ao magistério, ao audiovisual e à literatura. Não me interessei por seus documentários, porque me afastei da revolução muito cedo e tratei de viver quietamente, como se não soubesse de nada. Na rua, falavam-me horrores (fulano foi preso, sicrano desapareceu, beltrano foi estrangulado no quartel). Apavorado, eu fugia para casa, lia Dostoiévski e dormia. Você também escreve, Felipe? Sim, uns continhos. Modestíssimo esse mestre. Não faz aquela cara de falso gênio quando cutucado. *O velho que ain-*

da *escrevia cartas de amor*, primeiro livro dele, é ótimo. Até rabisquei uma resenha dele.

Tem ido à minha casa. Primeiro telefona, promete vir, depois marca data, desmarca, remarca. Há sempre um motivo muito importante para me visitar: Quero combinar uma entrevista com você. Sua mais recente proposta é a gravação da leitura dramática de um conto meu para televisão. Não vem apenas beber ou jogar conversa fora. Chega na hora aprazada, cheio de pacotes (mortadela, queijo, biscoito, vinho, cerveja). Sempre suado e calorento, pede um ventilador. E exige a velocidade máxima. Aqui está muito quente, meu amigo. Vai à cozinha, lava copos, pratos e talheres, à vontade, e se põe a preparar os quitutes. Tento aquietá-lo. Sente-se, homem. Tome um uísque. Compro-lhe o melhor, o mais caro, o mais escocês. Não precisava tanto, Nilto. Bastava um nacional. Não o deixo falar: Conte sua viagem à Alemanha. Pois vive na Europa. Não a passeio, mas a estudo, trabalho, pesquisa. Não fala muito de viagens, cidades visitadas, museus, monumentos. Você precisa conhecer Londres. Mudo de assunto, pois me sinto avesso a viagens e outros mundos. Andei estudando inglês, mas papagaio velho não aprende a falar. Passei dias alisando mapas, calculando distâncias e despesas, lendo Shakespeare, em português. Você precisa ler no original. Certa noite, corri ao quarto dos poetas esquecidos e trouxe um *Hamlet*. Não consigo ler nada, Felipe. Leia, pelo menos, uma fala,

homem. Tentei ler: *You come most carefully upon your hour*. Ria com os olhos. Tive vergonha. Está muito bem. É sempre assim, polido, generoso. Porque sabe que a grosseria e o egoísmo, embora humanos, não fazem amigos. E ele quer ser amigo de muita gente, sobretudo, dos que estudam, trabalham, pesquisam, constroem. Por isso, sua admiração pelo pessoal da Padaria Espiritual e pelos escritores de todos os tempos. Pela história, pela memória cultural. Em razão disso, vem promovendo entrevistas com escritores, sempre em dupla: um mais velho e um mais novo. Como fez comigo e a Tércia Montenegro. Acordou-me de madrugada com o barulho de um caminhão diante do portão de minha casa. Trazia máquinas e operadores de TV e fez de minha sala um estúdio. Como se entrevistasse escritor famoso.

É fim de março, ando preguiçoso, a dormir muito. Há dias imagino falar de Felipe Barroso. Invento pequenas histórias. Desisto, porque ele não gosta de ser personagem. Gosta de criar personagens. Talvez tenha pensado em mim, quando criou aquele velho que escrevia cartas de amor. Não, não me conhecia. E eu não me sentia ainda tão cansado e sem memória.

Fortaleza, 31 de março de 2011.

RAYMUNDO NETTO E O LAISSEZ-FAIRE

“Conheci Raymundo Netto em 1850, na calçada da Cadeia de Fortaleza”. Assim eu poderia iniciar esta crônica e ser fiel ao modo de narrar deste jovem que adora o passado de nossa terra, vive cercado de livros e escritores, sejam mortos, sejam vivos. Em suas crônicas, os antigos conversam com os de hoje, passeiam pelas ruas, transitam pelo Passeio Público, pela Praça do Ferreira, pelas vias estreitas, sem pavimento, de prédios baixos. Porém, não o imitarei e serei fiel a mim mesmo e aos fatos: Conheci Raymundo Netto numa tarde de outubro de 2005, no interior de um veículo automotor, com destino a Aracati, onde se realizaria a 1ª Festa do Livro e da Leitura. Ao meu lado, Pedro Salgueiro. Vocês se conhecem? Sorridente e tagarela, Netto estendeu a mão e se apresentou. Lancei um livro recentemente: *Um conto no passado: cadeiras na calçada*. A curiosidade me sacudiu: Um conto longo? Não, um romance. Pedro se mantinha ao largo, olho na estrada. E o senhor é também escritor? Acabrunhei-me. Aquele sujeito,

de quem eu nunca ouvira falar, dizia-se escritor e, ainda por cima, perguntava se eu escrevia? Tive vontade de lhe dizer: Tenho vinte livros publicados. Contive-me (quantidade não significa muito, pensei) e preferi ouvir a palavra apaziguadora de Salgueiro: Nilto é um dos poucos escritores cearenses da geração de 70 que se mantêm atuantes. O rapaz sorriu de novo: Ah! é?

Netto é homem sóbrio e lúcido, apesar de viver em bares, rodeado de boêmios, no Dragão do Mar, no Benfica ou nos mais afastados e mal falados boteços da capital cearense. Nunca o vi em transformação ou transformado em monstro ou anjo. Nunca o vi irromper do casulo e se metamorfosear em borboleta. É sempre ele mesmo, riso contínuo para todos, sejam musas, sejam lobisomens. A uns e outros, o mesmo afago nos olhos e nos lábios. Confessou-me, no entanto, não gostar nem um pouco deles, por mais que os ature. E, nestes tempos de intenso liberalismo sexual, do *laissez-faire*, *laissez-passer*, *le monde va de lui-même*, de Vincent de Gournay, se disse obcecado tão-somente por todo e qualquer tipo de fêmea humana, recusando-se, sempre, a aceitar qualquer aproximação de outro macho.

Afora essa idiossincrasia sexual, é um fomentador de eventos literários, desde lançamentos de livros a festas de variado feitio, como feiras (livres, de livros), encontros ou esbarrões de escritores, simpósios (que Manuel Bulcão chama de supositórios) acadêmicos,

seminários (ou sêmens ários, no dizer do Poeta de Meia-Tigela). Em razão disso, conhece todo mundo, seja escritor belga, palestrante hindu, seminarista romano. E mantém relações (não sexuais) com todos e todas, qualquer que seja a nacionalidade ou o idioma (língua) do visitante, tendo preferência por línguas de trapo e línguas mortas, como latim e sânscrito.

Para completar esse desenho de sujeito esquisito, Netto tem outra amante: a fotografia. Gaba-se de ter fotografado todos os escritores cearenses, desde Antônio Sales. E aqueles que visitaram a terra de Alencar, aos quais abraçou e com eles posou para a posteridade: Jean-Paul Sartre, García Márquez, Saramago e uns menos célebres.

Anda com máquina fotográfica para cima e para baixo, à moda *paparazzo* (com quem é comumente confundido). Dia desses, levou uma carreira medonha de uma celebridade carioca em visita a Fortaleza e foi bater à minha porta. Passava da meia-noite. Assustei-me com seus gritos, ao portão. Socorri-o (primeiro escondi debaixo da cama minha companheira daquela noite), dei-lhe água com açúcar e o fiz deitar-se no divã. Consultei meu questionário freudiano e lhe fiz algumas perguntas. Ele apontou a máquina para mim, sorriu e quis saber se eu dispunha de uma cortesã para ele. O traquinas parece saber de tudo e ver até o invisível.

Além de nos encontrarmos em bares e livrarias, tenho recebido a visita de Netto com muita frequência. Chega ofegante, suado, sedento. Ofereço-lhe cerveja

e uísque, por pura brincadeira, pois sei de sua aversão ao álcool. Ele sorri e explica: Não bebo, Nilto. Nunca bebeu? Sim, bebi muito. Certa noite, bebi tanto que vomitei no chão da casa de minha namorada. No meio da tragédia, urinei no sofá. Como epílogo, caí (e só acordei de manhã) debaixo da mesa. Três meses depois, estava casado. Porém, com outra.

Poucas vezes tem vindo só, talvez com medo de ser achincalhado pelo vulgo das letras. Prefere vir acompanhado de outros candidatos ao panteão literário. Alguns ainda adolescentes, como Urik Paiva, Priscila Peres e Robson Ramos. A maioria, porém, do final da casa dos 20 ao início dos 50. São risonhos e bebedores. Só faltam morrer de rir quando Salgueiro, depois da quinta garrafa de cerveja, tenta dizer “a aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha; nem a aranha arranha a jarra nem a jarra arranha a aranha”. Ou quando Manuel Bulcão consegue pronunciar, com clareza: “Quero que você me diga, sete vezes encarrilhado, sem errar, sem tomar fôlego: Vaca preta, boi pintado”. Pedem mais cerveja, vão ao banheiro, sujam o chão e os sofás e me chamam de “engraçado”. Netto se esforça para não melindrar os amigos, ri com moderação e se diz cansado, muito cansado. Trabalhei muito hoje, meus amigos. Ofereço-lhe coca-cola ou guaraná. Ele se diz satisfeito, passa os dedos na vasta cabeleira e se aconchega à donzela mais próxima.

Fortaleza, junho de 2011.

CARMÉLIA ARAGÃO E A TRANSPARÊNCIA DOS SERES

Achava-me numa praia, sentado na areia. Ninguém à vista, nenhum banhista, nenhum pescador. À esquerda, centenas de pequeninas tartarugas corriam para as águas. Como se aquilo eu visse todo dia, voltava a olhar para o mar. Que fossem cumprir seu destino. Pássaros sobrevoavam as ondas. Aqui e ali, salpicavam luzes na crista agitada do monstro. Ondinas em constante saltitar. Uma delas, porém, me pareceu mais nítida, insistente, como se viva estivesse. E crescia aos meus olhos ou de mim se aproximava. Que seria? Como me fazia falta um binóculo! Não, não precisava disso. O corpo, cada vez mais próximo de onde eu me encontrava, lembrou-me uma sereia. Primeiro vi os cabelos molhados, longos, escuros. Rosto de mulher. Mostraram-se o pescoço, o colo, a veste branca. Não nadava, flutuava. Assustei-me, cocei a cabeça, esfreguei os olhos. Meu Deus, vinha ao meu encontro aquela mulher saída do mar! A sorrir, faceira, pernas à mostra.

Assim se deu minha única aproximação irreal com Carmélia Aragão. Na verdade, nunca a vi em

sonho. Conheci-a não sei quando nem onde. Talvez numa livraria, num bar, em minha casa, numa plateia. No bar do Assis, estive com ela uma ou duas vezes. Sempre cercada de escritores jovens. Pedro Salgueiro a dizer-lhe gracinhas, Raymundo Netto a paparicá-la, o Poeta de Meia-Tigela a rir (dela?). Ofereciam-lhe cerveja, petiscos, mimos. Ela arregalava os olhos (vivia de olhos arregalados, como se assustada com tudo e com todos), sorria (parecia sempre feliz), recusava isto e aquilo, alegava pressa em sair. Talvez não se sentisse à vontade num boteco daqueles, repleto de homens fedorentos, tagarelas, piadistas, excessivamente obscenos.

Certa noite, no Dragão do Mar, assistimos a um filme ou a uma palestra ou participamos de um debate. À saída, anunciei fome e vontade de beber. Eu a convido para a ceia do senhor. Ela sorriu, cochichou com duas amigas e aceitou o convite. Sentamo-nos ao redor da mesa, ao ar livre. A gente só quer beber uma coca-cola. Por que não bebemos cerveja? Ela me parecia assustada, com medo de se aproximar de mim. Teria me imaginado um velho assanhado, desses que parecem galinhos fogosos quando veem franguinhas? Pouco falamos, por mais que eu tivesse insistido. A gente precisa ir. Amanhã deverei acordar cedo. E eu fiquei a ver saias de longe, cara enfiada no copo amargo de minha solidão.

Carmélia mandava-me contos, de vez em quando, por *e-mail*. Queria minha leitura e minha opi-

ção. As narradoras me pareciam ser ela. E eu a imaginava solitária, morando numa quitinete pobre, a olhar para as vizinhas, os gatos das vizinhas, o chão dos corredores, a sonhar com narrativas extraídas daquela vidinha de moça que passava o dia a ler, estudava na faculdade, cuidava da moradia, lavava as próprias roupinhas e sonhava com a glória literária.

Visitou-me uma vez, quando eu morava na Parquelândia. Visita anunciada por Pedro, que me fez contratar uma jovem cortesã. Diga que é sua amante. Obedeci. No dia certo, Carmélia chegou com um magote de rapazes e moças, todos bons leitores e escritores em formação. Mandei a dama servir cervejas e refrigerantes. Os homens se entusiasmaram. Quiseram dançar com ela. Carmélia ria, bebia e mal conseguia deixar o sofá. Netto a arrastou para o centro da sala. Vamos dançar forró. E dançaram mesmo. Pedro se interessava por Priscila, franzina e risonha, e lhe passava a mão nas ancas, a rir, safadamente. Ela se mostrava incomodada: Deixa disso, Pedro. Eu molhava o bigode, enciumado. Urik Paiva só faltava morrer de rir. Tércia Montenegro gargalhava dos requebros de Netto e Carmélia.

O primeiro livro de minha pupila, *Eu vou esquecer você em Paris*, saiu em 2006. Parece ter sido ontem. Como o tempo passa muito lentamente para mim. Rabisquei umas notas, em março do ano seguinte: “Carmélia Aragão: Literatura como paixão”. Não sei se delas gostou. Talvez não tenha gostado, pois

nunca mais apareceu em minha casa. Estou brincando: gostou, sim. Pois, se não tivesse gostado, não teria escrito “Nilto Maciel: Próximo da carne”, belíssimo estudo de meu romance *Carnavalha*.

Depois eu soube de sua transferência para a antiga capital da República, onde iria se doutorar em letras. E não a vejo desde então. Em razão destas ausências, em meu espírito se veio formando uma imagem fugidia dela, perdida no entrechoque das ondas, neste meu mar sempre revoltado, quase tempestuoso.

Fecho os olhos para lembrar o sonho. A imagem da moça de branco se aproximava de mim e eu via que era Carmélia, vinda do mar, saída das ondas. Caminhava pela areia, avizinhava-se de mim, a sorrir. Eu me alegrava, punha-me de pé, pronto a recebê-la. Porém, meus amigos, ela passava por mim como quem se perde na multidão das ruas. Como se eu, sim, fosse transparente, invisível, diáfano. E sumia atrás de mim, no rumo do interior, do sertão, do continente. E eu me ficava líquido, liquidado, pó, poeira, areia, sujeito ao vento, à ventania que tudo carrega, destroça, dilui, dissolve. Castelo de areia.

Fortaleza, 4 de maio de 2011

LUCIANO BONFIM E AS BRUMAS DO ÉTER

Compor estas crônicas – vistas por alguns leitores como contos – quase me levou ao desespero. Para realizá-las, fiz das tripas coração. Ou, melhor, da vontade, invenção. Faltava-me memória. Burro parado no meio (ou no começo) do caminho, eu me esporeava, me insultava, me instigava. Inventava fatos, episódios, gestos, falas. Pois, nunca convivi com nenhum dos personagens que habitam o mundo deste livro. Vi-os uma, duas, três vezes, no máximo. Ouvi-lhes umas ou poucas palavras.

Luciano é mais uma das minhas criações de ócio. Nem sei quando se iniciou nas letras, como leitor e escritor. Não sei quais são seus hábitos. Não frequenta minha casa. Não me surrupia livros. Não fala mal dos colegas de verso e prosa, quando me encontra. Não se lamenta da vida, do trabalho, do calor, do trânsito de carros. Não sei, portanto, quem é Luciano Bonfim. Porém, quero escrever, pelo menos, mil palavras sobre ele. Para começar, uma informação literária: Estreou em 92, com um livrinho de poemas mimeografado. Eu ainda andava pelas avenidas de

Brasília, a sonhar com as ruas de Fortaleza e as ruelas de Palma e nem sequer sabia de sua existência. Uns dez anos depois, Pedro Salgueiro mo apresentou. Depois o vi abraçado a uma senhorita de fala arrevesada, envoltos nas brumas do éter. Ele me lembrou algum amigo de trinta ou quarenta anos atrás, tempos de passeatas estudantis, encontros clandestinos, idos de 68. No cenho, uns óculos de aros escuros e lentes grossas. Na testa, um topete de adolescente pronto a enfrentar o mundo. Nos lábios, um sorriso de deboche. Mora em Sobral – completou Pedro.

Estive algumas vezes na Fidelíssima Cidade Januária de Acaraú. A primeira vez deve ter sido por volta de 70, a trabalho. A segunda se deu a convite de Luciano. Para uma palestra na Universidade do Vale do Acaraú. Eu não o conhecia direito. (Virar-o, pela segunda vez, por pouco tempo, numa noite, em meio a uma bebedeira, num bar do Dragão do Mar). Era noitinha, quando o ônibus me deixou na rodoviária. Cansado de estar sentado, doido por uma cerveja e uma conversa fiada, peguei um táxi para o centro. Deixou-me o motorista numa praça movimentada, diante de uma igreja, quiosques com mesinhas e cadeiras. Olhei para os lados. Cadê o homem? Tínhamos marcado encontro ali. Perdido e tonto, não vi a motocicleta que parou ao meu lado e dela saltou, lépido como um assaltante, o esperado Luciano: Olá, Niltão, meu mestre! Não dispunha de tempo para conversa. Estaria no palco em cinco mi-

nutos (peça escrita por ele) e queria me ver na plateia. Recusei montar na garupa da moto. Então nos veremos após a encenação, à porta do teatro. E sumiu na noite, feito bala. Sentei-me numa cadeirinha de plástico e pedi cerveja e alguma carne. Quase me embriaguei. No dia seguinte, proferi palestra para mais de cem alunos. Fui aplaudido, como se tivesse cantado uma canção da moda. De garganta seca e vontade de mentir, corri para o bar, com Luciano. Mal nos abancamos, três jovens nos cercaram. Imaginei leitoras de poesia ou atrizes. O senhor é professor? Nunca fui professor de nada, mas precisava corresponder às expectativas delas. De quê? Filosofia. E logo passamos a Hegel, Kant e Nietzsche. Ora, eu só sabia os nomes deles. Como poderia imaginar que aquelas três pimpolhas estudassem exatamente filosofia? Para tentar me salvar do vexame, pedi socorro a Luciano. Sabem como ele me socorreu? Passou a fazer elogios aos meus (fictícios) ensaios sartrianos.

O segundo livrinho de prosa de ficção de Luciano se intitula *Dançando com sapatos que incomodam*. Li-o numa noite de insônia, após assistir ao filme *Os sete gatinhos*, de Neville d'Almeida. Após a leitura e algumas anotações a lápis no próprio volume, senti sono. Sonhei com mulheres extremamente devassas e acordei pelo menos três vezes, mais transtornado do que no início da noite. De manhã, cansado, dor de cabeça, faminto e febril, escrevi o artigo “A versatilidade verbal de Luciano Bonfim”. Uma das frases é esta: “Muitas de suas composições são bem curtas, cons-

tituídas de diálogos breves, quase enigmáticos. Outras são compostas apenas de uma fala e uma narração breve”... E fiquei a pensar se há alguma relação entre a compleição física de um escritor e sua obra. Luciano é fleumático, não para, vive a correr. Talvez nem durma sossegado. E gente assim é incapaz de produzir obras de ampla estrutura, como sinfonia, romance ou mural. Para Soares Feitosa (estávamos num bar do Dragão do Mar), o rotundo Honoré d’ Balzac só poderia ter escrito romances volumosos, quase infundáveis, enquanto o seco Jorge Luis Borges não conseguiria ir além de contos e poemas. Carlos Emílio gargalhou. Não concordava com aquela teoria. Graciliano, magro como um sertanejo, escreveu romances. Jorge Pieiro se voltou para Luciano: Este rapaz tende a engordar, como quase todo ser humano. E então chegará ao romance de 500 páginas. Luciano ria muito: Não, meu caro, não sou romancista (ainda) por opção e, se sou magro, talvez deva isto à fome de professor no Brasil. Meti-me na polêmica: Não estamos a falar de tamanho, volume, massa, mas de gordura, que é massa aparente, enganosa. Pode também não ser uma questão de gordura, mas de temperamento (tempero?). Carlos aumentou o volume da voz: Agora temos aula de culinária? Passamos a outros assuntos e a outros insultos. Luciano apenas ria. Certamente fazia anotações mentais para outros “contos” de meia página.

Fortaleza, julho de 2011.

CLAUDER ARCANJO VISTO DE LONGE E DE PERTO

Clauder é muito recente no meu mundo, embora não seja dos mais jovens na extensa relação de amigos escritores com quem me correspondo há muitos anos. Meu conhecimento dele se deu já no terceiro milênio. Desde quando surgiu no universo impresso das letras. Ou terá ele me descoberto? Clauder se iniciou como resenhista num jornal de Mossoró, “escondido sob o manto do Carlos Meireles, homenagem a Drummond e Cecília, dois poetas que sempre leio e releio”. Esse mesmo Carlos logo virou contista, em 2003, e, a seguir, poeta. É desse tempo minha leitura dele. O homem, porém, só cheguei a ver alguns anos depois, numa de suas visitas a Fortaleza. Marcamos encontro, sem nos conhecermos. Eu, ele e Pedro Salgueiro. Não guardo detalhes da reunião. Nesse tempo eu andava perdido, cheio de problemas, quase pronto a me dar o ponto final. Porém, antes de cumprir o desígnio fatal, telefonei para Airton Monte (o psiquiatra, não o escritor). Que você acha da ideia

de saltar do alto da Torre Quixadá? Quem? Qualquer pessoa. Depende, meu amigo. De quê? E terminou me envolvendo com tantas perguntas. No dia seguinte, marquei consulta com outro doutor. Fui atendido por uma secretária lindíssima e muito risonha. Quase consegui esquecer o motivo de minha ida ao consultório. Pode entrar. O doutor Leonardo o espera. O homem parecia um ser de outros tempos: desgrenhado, roupa puída, óculos de fundo de garrafa, uns livros antigos abertos sobre a mesa, mapas astrais, a luz mortiça, cheiro de enxofre ou incenso de turíbulo. Perguntou os motivos de minha visita. Não vim visitá-lo, doutor. Vim consultar-me. Essa ideia de pular do alto de um prédio não me parece sensata. Não, não é nada sensata. Só um maluco pode pensar nisso. Sugiro a aquisição (se o senhor já não tiver adquirido) de uma pistola automática, com silenciador. Custa caro, mas vale a pena. Se bem utilizada, não falha. E olhava para mim com olhos de sádico. Fiquei tão apavorado que fugi da sala a correr. Esbarrei na bela funcionária, que sorria lindamente, dei-lhe um beijo apressado na boca, e desci as escadas. Mas voltemos a Clauder, que não tem nada com esta história de suicídio.

Lembro de que íamos de carro para o Centro de Convenções, onde se realizava uma bienal do livro. Na direção, Clauder. O carro? Talvez uma Mercedes. Terá sido em 2004 ou 2006? Como sou deslem-

brado de quase tudo, perguntei-lhe: Desde quando você me conhece? “Para mim, desde a eternidade. A amizade não se mede com dias e anos, mas com o metro da identificação. No nosso caso, somos, e estamos, ligados pelo umbigo da empatia, da simpatia e da alegria”. Enquanto dirigia, falava sem parar. Ora de Mossoró, ora de Lamião, ora da Petrobras, ora de literatura. Como ando sempre a investigar a vida dos outros (mania de repórter) ou o ser de cada um, fiz-lhe algumas outras perguntas: “Você se irrita facilmente? O que o irrita mais?” Receoso de uma resposta ríspida, apertei as mãos. E ele disparou: “A ingratidão. Fico possesso, numa fúria incontrolável”. O que ele teria feito por mim? Pus-me a revirar a memória. Teria me emprestado dinheiro? Teria me dado livros? Teria falado bem de mim em público? Ora, tudo é merecedor de gratidão. Até um olhar. Um simples gesto. Tive vontade de lhe elogiar o bigode. Lembrei-me de Dirk Bogarde, em *Morte em Veneza*. Ele deve ter ouvido meu pensamento: O homem que pintava o bigode para parecer jovem. Aquela cena na praia, o calor, a tinta a escorrer pela face, a proximidade da morte.

Recentemente, nos encontramos num restaurante em Fortaleza. Cheguei cedo, pedi um refrigerante com gelo e me pus a olhar para as pernas que passavam por mim como se caminhassem para o cadafalso. Avistei de longe os ombros largos de Felipe Barroso, a careca de Carlos Nóbrega e os dentes do

jovem João Leite. Fiz-lhes acenos. Alguns minutos depois, chegou Clauder. Não iria almoçar. Bebíamos cerveja e guaraná. Vai beber? Não. Minha cachaça é tão somente a literatura. Tem nojo de bêbado? Não. Convivo bem com os “bebuns”. Apesar de fazer tudo para que eles abandonem amásia tão ultrajante. Carlos acendeu um cigarro e se afastou para a calçada. Clauder se mostrava preocupado com o tempo. Não será com a pessoa que o espera? Passamos a falar de mulheres, bundas, pernas, amores, ilusões. Ia à casa da sogra, que mandara preparar um almoço “genuinamente cearense”. E as meninas? Que meninas, que nada! Sou fiel, fidelíssimo. Passei a arquitetar um conto. Não sei se conseguirei realizar. Mudei de assunto. Você sonha com o Nobel? Estou escrevendo um romance.

Não sei se tais assuntos vieram à tona no restaurante ou em minha casa. Estou ficando caduco. Às vezes, imagino cenas, falas e gestos e os tenho como reais. Belisco-me e grito comigo: Toma tento, homem! Não vês que estás a inventar demais? Outras vezes, porém, me sinto muito lúcido. Lembro-me perfeitamente da noite (faz pouco tempo) em que Clauder me visitou. Vestia-se como um aristocrata e falava como se em presença de príncipes europeus. Alisava o bigodinho de Dirk Bogarde. Ou seria o do personagem Gustav von Aschenbach? Quietos no sofá, Pedro Salgueiro ria e bebia. Nilto, pare com estas comparações. Clauder poderá se sentir ofendi-

do. Não, são apenas lucubrações de um fumador de ópio. “A vida sabe-me a tabaco louro. / Nunca fiz mais do que fumar a vida”. De quem é isto? Álvaro de Campos, informou Cláudio Arcanjo. Acendi minha papoula: Estou a falar apenas de aparências. O homem de Licânia com rosto de europeu sorriu: Sim, sei disso.

Fortaleza, julho de 2011.

ESSE MATO BAIXO

Recebo visitas de jovens escritores com muita frequência. Às vezes vem somente um, que chega manso, quase medroso, como se eu fosse um monstro. As jovens, mesmo as mais audazes, não ousam aparecer sós; chegam acompanhadas do pai ou de amigo. Na maioria das vezes chegam aos grupos, liderados pelo gorducho Pedro Salgueiro. Em algumas noites, minha ampla sala se mostrou pequena para tanta gente: Raymundo Netto, Poeta de Meia-Tigela, Manuel Soares Bulcão, Carlos Nóbrega, Carlos Vazconcelos, Mário Sawatani, Frederico Régis, Silas Falcão, Tércia Montenegro, Urik Paiva, Carmélia Aragão, Felipe Barroso, Mardônio França e outros.

Lembro muito de todas essas noites. Sobretudo de uma em que me achava muito deprimido. Para me transformar, comprei dúzias de vinho, uísque e cerveja, além de haxixe e outras plantas medicinais. Iniciada a degustação, pedi licença para ler umas frases. E assim aquela noite de esperadas delícias se foi tornando o nosso inferno. Pus-me a falar, pausadamente: “Qual de vocês cruzou os mares em busca

da ilha perdida? Do tesouro, do paraíso, do novo, das Índias? Quem encontrou os seres fabulosos de que falavam os viajantes? Quem ouviu sereias? Você já foi ao Monte Everest? Conseguiu voltar ou ficou por lá? Sentiu-se muito só, a um passo da eternidade? Já foi ao espaço sideral? Sabe o nome da nave? E de quem o acompanhava? Chegou a passear, preso a um cordão umbilical de aço, pela parte externa da espaçonave? Pensou em se desprender dela e se perder na noite infinita? Não teve coragem de deixar a cápsula, ficou encolhidinho dentro dela, a olhar para as estrelas pelas janelas?”

Um dos convivas engoliu meio copo de bebida e quis saber de que eu falava. Aspirei, com sofreguidão, meu cachimbo: “Estou falando de viagens singulares. De viajantes como Ulisses e Robinson Crusoe. De aventureiros e astronautas. De viajantes aos abismos do ser humano, como Kafka. E também daqueles que jamais ousariam escalar montanhas ou montes como o Everest. Para eles, a serra de Maranguape ou o morro do Urubu são o píncaro do mundo. E ainda se perdem cedo em suas pequenas matas. Preferem se aventurar pelas ruelas de Fortaleza ou do Rio de Janeiro. Outros vão mais além, até viajaram pelo espaço. Mas se desprenderam da nave e se perderam no espaço celeste. Ou na cachoeira das eras”.

Alguém se moveu na cadeira e, irritado, se pôs a gritar: “Não, não cruzei os mares, mas conheço, como poucos, a gramática. Com facilidade, encontro

erros e mais erros em sua prosa de escritor preguiçoso. Sei usar o verbo aqui, o substantivo ali, a vírgula acolá. Sou escritor correto, culto. Mais do que muitos supostos gênios”. Ri-me do ingênuo. Por acaso há ou houve algum gramático que escreveu poemas como *Os Lusíadas*, contos como “A cartomante” ou romances como *Angústia*?

Outro nervoso poeta pulou ao centro da sala: “Pois saiba, senhor Nilto, que conheço todas as rimas, todas as métricas, todas as manhas da boa poesia. Sou um poeta federal. Ou universal”. Sorvi mais um gole de veneno: “E você acha que Fernando Pessoa é grande poeta porque conhecia rimas, métricas e manhas?”

Um prosador acanhado pediu licença para se pronunciar: “Minha imaginação é tão prodigiosa que consigo escrever mentalmente um romance a cada noite. Entretanto, não tenho capacidade de copiar, de transpor para o papel nem a milésima parte do que imagino. Se eu fosse uma máquina sobre-humana, um computador de alta tecnologia, certamente estaria muito à frente de Cervantes, Balzac e Joyce”. Bateram palmas. O jovem enrubesceu, como as donzelas dos romances de Alencar. Folhiei seu livro. O título me chamou a atenção: *Prodígios de um bebedor de vinho numa noite fria ao pé do monte Sião*. Quase mil páginas. Técnicas de narração variadas: frases longas e curtas, quase cem narradores, diálogos interiores em cinco ou seis dialetos, episódios entrelaçados. Cau-

saria inveja aos mais ousados narradores. Um leitor, porém, viu no livro apenas um amontoado de frases: romance feito em liquidificador.

O quinto a se manifestar riu de mim e fez perguntas indelicadas: “Você já leu William Butler Yeats? Pois eu li toda a melhor literatura irlandesa, assim como a inglesa, a francesa, a russa, a antiga e a moderna, a conhecida e a desconhecida, quase tudo no original, pois estudei as principais línguas ocidentais”. Pedi desculpas de minha ignorância. Ora, da Irlanda, por exemplo, mal conheço Joyce, Swift e Wilde. Tudo traduzido.

Um sujeito com cara de sábio deu um pulo da cadeira: “Sem muita inteligência não é possível escrever boa literatura”. Perguntaram-lhe o que é inteligência. Ele buscou quadro e giz. Encontrou papel e lápis. Fez uns rabiscos, desenhou a fórmula da vida e a flâmula da morte.

Como se explica isso? Por que uns poucos vão além da soleira da porta e se perdem nos infernos e paraísos, enquanto a maioria nasce, vive e morre no canto da sala, a ler sofregamente, a escrever em desvario, a inventar receitas, a rasgar papiros? Certamente o que diferencia uns de outros não são as leituras, não são as viagens, não é a imaginação, não é a ousadia, não é a dedicação à literatura, não é o corpo, não é a alma, não é a origem de cada um, não é a educação, não foi o leite materno, não foi o berro do boi. A explicação deve estar lá no fundo do cérebro.

Amadeu Amaral, em *Elogio da mediocridade*, escreveu algumas frases que podem nos ajudar a aceitar os abismos e os céus: “Toda literatura pressupõe uma multidão de medíocres, e não só de medíocres, senão também de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ela é, tanto mais grossa a multidão rasteira. Esse mato baixo sustenta a indispensável camada de *humus*, resguarda e entretém a vida incipiente das árvores destinadas à máxima expansão. Foi esse mato que permitiu, na Inglaterra, o crescimento fabuloso de Shakespeare, a cuja volta trabalhava e produzia uma plêiade de dramaturgos fortes e uma turbamulta obscura de escribas irrequietos”.

Fortaleza, junho de 2010.

O AUTOR



Nílto Maciel nasceu em Baturité, Ceará, em 1945. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará em 70. Criou, em 76, com outros escritores, a revista *O Saco*. Mudou-se para Brasília em 77, tendo trabalhado na Câmara dos Deputados, Supremo Tribunal Federal e Tribunal de Justiça do DF. Regressou a Fortaleza em 2002. Editou a revista *Literatura*, de 1992 a 2008.

Obteve primeiro lugar em alguns concursos literários nacionais e estaduais: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1981, com o livro de contos *Tempos de Mula Preta*; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 1986, com o livro de contos *Punhalzinho Cravado de Ódio*; “Brasília de Literatura”, 90, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Distrito Federal, com *A Última Noite de Helena*; “Graciliano Ramos”, 92/93, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com *Os Luzeiros do Mundo*; “Cruz e Sousa”, 96, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de

Santa Catarina, com *A Rosa Gótica*; VI Prêmio Literário Cidade de Fortaleza, 1996, Fundação Cultural de Fortaleza, CE, com o conto “Apontamentos Para Um Ensaio”; “Bolsa Brasília de Produção Literária”, 98, categoria conto, com o livro *Pescoço de Girafa na Poeira*; “Eça de Queiroz”, 99, categoria novela, União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, com o livro *Vasto Abismo*.

Organizou, com Glauco Mattoso, *Queda de Braço – Uma Antologia do Conto Marginal* (Rio de Janeiro/Fortaleza, 1977). Participa de diversas coletâneas, entre elas *Quartas Histórias – Contos Baseados em Narrativas de Guimarães Rosa*, org. por Rinaldo de Fernandes (Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2006); *15 Cuentos Brasileiros/15 Contos Brasileiros*, edición bilingüe español-portugués, org. por Nelson de Oliveira e tradução de Federico Lavezzo (Córdoba, Argentina, Editorial Comunicarte, 2007); e *Capitu Mandou Flores*, org. por Rinaldo de Fernandes (Geração Editorial, São Paulo, 2008).

Tem contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês. *O Cabra que Virou Bode* foi transposto para a tela (vídeo), pelo cineasta Clébio Ribeiro, em 1993. Seus livros estão publicados por editoras de Fortaleza, São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Florianópolis, Brasília e Campinas.

LIVROS PUBLICADOS:

Itinerário, contos, 1.ª ed. 1974, ed. do Autor, Fortaleza, CE; 2.ª ed. 1990, João Scortecci Editora, São Paulo, SP.

Tempos de Mula Preta, contos, 1.ª ed. 1981, Secretaria da Cultura do Ceará; 2.ª ed. 2000, Papel Virtual Editora, Rio de Janeiro, RJ.

A Guerra da Donzela, novela, 1.ª ed. 1982, 2.ª ed. 1984, 3.ª ed. 1985, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, RS.

Punhalzinho Cravado de Ódio, contos, 1986, Secretaria da Cultura do Ceará.

Estaca Zero, romance, 1987, Edicon, São Paulo, SP.

Os Guerreiros de Monte-Mor, romance, 1988, Editora Contexto, São Paulo, SP; 2ª ed. 2011, Armazém da Cultura, Fortaleza, CE.

O Cabra que Virou Bode, romance, 1.ª ed. 1991, 2.ª ed. 1992, 3.ª ed. 1995, 4.ª ed. 1996, Editora Atual, São Paulo, SP.

As Insolentes Patas do Cão, contos, 1991, João Scortecci Editora, São Paulo, SP.

Os Varões de Palma, romance, 1994, Editora Códice, Brasília.

Navegador, poemas, 1996, Editora Códice, Brasília.

Babel, contos, 1997, Editora Códice, Brasília.

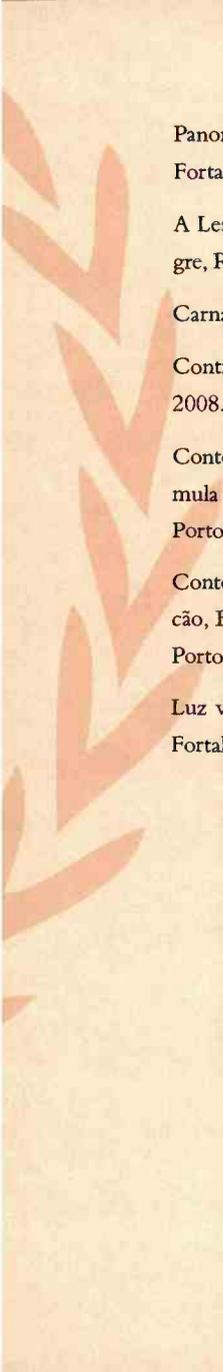
A Rosa Gótica, romance, 1.ª ed. 1997, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC (Prêmio Cruz e Sousa, 1996), 2.ª ed. 2002, Thesaurus Editora, Brasília, DF.

Vasto Abismo, novelas, 1998, Ed. Códice, Brasília.

Pescoço de Girafa na Poeira, contos, 1999, Secretaria de Cultura do Distrito Federal/Bárbara Bela Editora Gráfica, Brasília.

A Última Noite de Helena, romance, 2003. Editora Komedi, Campinas, SP.

Os Luzeiros do Mundo, romance, 2005. Editora Códice, Fortaleza, CE.



Panorama do Conto Cearense, ensaio, 2005. Editora Códice, Fortaleza, CE.

A Leste da Morte, contos, 2006. Editora Bestiário, Porto Alegre, RS.

Carnavalha, romance, 2007. Bestiário, Porto Alegre, RS.

Contistas do Ceará: D'A Quinzena ao Caos Portátil, ensaio, 2008. Imprece, Fortaleza, CE.

Contos reunidos (volume I) – reunindo Itinerário, Tempos de mula preta e Punhalzinho cravado de ódio – 2009. Ed. Bestiário, Porto Alegre, RS.

Contos reunidos (volume II) – reunindo As insolentes patas do cão, Babel e Pescoço de girafa na poeira – 2010. Ed. Bestiário, Porto Alegre, RS.

Luz vermelha que se azula, contos, 2011. Expressão Gráfica, Fortaleza, CE.



FILIADO À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO



Esta obra foi composta em Bergamo Std e Felix Titling e impressa sobre o papel Pólen Bold 80 g/m² para o Armazém da Cultura em maio de 2013. Impresso na Gráfica LCR.

Os inúmeros autores, criadores de personagens e tramas, tornam-se aqui eles próprios protagonistas e se veem enredados numa trama maior: a literatura cearense. Relevante literatura que, no Brasil, no mínimo, nos dava já no século XIX a majestade de um José de Alencar.

Quanto autor importante de gerações passadas, intermediárias e de agora que sabemos grandes mas não supúnhamos cearenses! Talvez porque mais que de seu estado, são brasileiros pela amplitude. E, assim, universais.

Não teremos aqui uma história da literatura do Ceará, que este não é um livro de teoria, mas de convivência. Mas quem poderá escrever um estudo teórico de tamanha ambição, depois deste de Nilto Maciel, sem consultá-lo?

Por trocar o que seria teórico por uma óptica humaníssima, onde nomes a merecer distinção ganham desse autor um humaníssimo desenho, os escritores do Ceará desfilam em crônicas de saborosa leitura a compor quase um romance de muitos protagonistas em encontros e desencontros do que, no fundo, se constitui um enredo.



Mas à medida que desmitifica, Nilto atinge um efeito contrário: traz à tona homens e mulheres envolvidos em criar verbalmente uma estética que dê conta desse estranho mundo de todos nós, escritores ou não, estranho somente (sublinhe-se) se não o encaramos com a luz potente da literatura. Os que dela partem para dialogar com povo, terra e o constante espetáculo de olhar tudo isso com a atenção do microscopista.

